A man with a mustache, wearing a white suit, a dark vest, and a patterned tie, stands on stone steps in front of a classical building with columns. He is looking slightly to the right. The image has a warm, sepia-toned aesthetic.

• mostra  
josé  
lewgoy



Ministério da Cultura apresenta  
Banco do Brasil apresenta e patrocina

• mostra  
josé  
lewgoy

Espaço Líquido  
1ª edição, 2018

O Ministério da Cultura e o Banco do Brasil apresentam a Mostra José Lewgoy, que traça um panorama sobre os trabalhos do ator brasileiro que participou de mais de 100 filmes e 30 novelas.

A exibição de 22 filmes de longa-metragem nacionais e estrangeiros passa em revista mais de cinco décadas de sua carreira profissional.

Lewgoy marcou presença em diversas fases da cinematografia nacional, como as chanchadas da Atlântida, o Cinema Novo, as pornochanchadas e o cinema marginal.

Trabalhou ao lado de grandes diretores como Glauber Rocha, Hector Babenco, Paul Mazursky e Werner Herzog, entre outros. Revisitar seu trabalho é revisitar os momentos mais importantes do cinema brasileiro.

Ao realizar esta mostra, o Centro Cultural Banco do Brasil leva ao conhecimento do público o trabalho de um importante ator e afirma seu compromisso com a democratização da cultura além de contribuir para a formação e o desenvolvimento cultural da sociedade.

**Centro Cultural Banco do Brasil**

# SUMÁRIO

**APRESENTAÇÃO** \_\_\_\_\_ pg 7

## TEXTOS

José Lewgoy (1920-2003) \_\_\_\_\_ pg 9  
Eduardo Giffoni Flório

Existe um pouco de José Lewgoy em todo o cinema brasileiro \_\_\_\_\_ pg13  
Gabriel Carneiro

**FILMES** \_\_\_\_\_ pg 33

**EXTRAS** \_\_\_\_\_ pg 46

José Lewgoy: da persona à personalidade \_\_\_\_\_ pg 48  
Julio Bressane

Depoimento de Werner Herzog \_\_\_\_\_ pg 50

José Lewgoy comenta *Terra em transe* \_\_\_\_\_ pg 53

Depoimento de Cláudio Kahns \_\_\_\_\_ pg 55

O Levigói \_\_\_\_\_ pg 56  
Luis Fernando Veríssimo

**FILMOGRAFIA** \_\_\_\_\_ pg 58

**FICHA TÉCNICA** \_\_\_\_\_ pg 65



# Apresentação

A Mostra José Lewgoy homenageia um dos maiores atores brasileiro, apresentando 22 filmes de longa-metragem, nacionais e estrangeiros, que perpassam mais de cinco décadas de sua carreira profissional no cinema. O conjunto de filmes é apenas um recorte de sua longa filmografia, que consta de mais de cem filmes.

Falecido em 2003, Lewgoy é uma marca do cinema brasileiro. Considerado nosso primeiro ator moderno, depois de ter sido aluno do curso dramático da Universidade de Yale nos anos 1940, iniciou a sua carreira na Atlântida Cinematográfica, onde fez papéis inesquecíveis como o gângster Anjo, o hipnotizador Scaramouche e o destemido matador Jesse Gordon.

Atuou, desde os anos 1950, em chanchadas que marcaram época como *Aviso aos navegantes* (1951) e *Carnaval Atlântida* (1953), passando pelo Cinema Novo, com o clássico *Terra em transe* (1967), de Glauber Rocha, pela fase das controversas pornochanchadas, como em *Engraçadinha* (1981), e pelo cinema experimental de Júlio Bressane, com *O gigante da América* (1980) e *Tabu* (1982), até alcançar a Retomada nos anos 1990.

Foi também um de nossos atores mais internacionais, tendo participado de cerca de vinte produções do mundo inteiro, entre as quais *S.O.S Noronha* (Georges Rouquier, 1957), *Tarzan e o Menino da Selva* (Robert Gordon, 1968) e os épicos *Fitzcarraldo* e *Cobra Verde* (Werner Herzog, 1982 e 1987), todos eles integrantes da programação. Um dos destaques internacionais da mostra é o filme francês *Les Fanatiques* (Alex Joffé, 1957), nunca exibido no país.

A mostra apresenta ainda o raro *Quando a noite acaba* (ou *Perdida pela paixão*, 1950), dirigido por Fernando de Barros, que registra a primeira aparição de Lewgoy no cinema, contracenando com a querida Tônia Carrero.

No documentário *Eu, eu, eu José Lewgoy*, (2009) de Cláudio Kahns, que remonta a trajetória do ator, o público po-

derá conferir seus papéis mais marcantes, a partir de imagens de arquivo e depoimentos de importantes personalidades que o acompanharam ao longo de sua carreira. Após a sessão, haverá uma conversa com o diretor.

Estão programadas também três sessões especiais de filmes da Atlântida com recurso de audiodescrição, voltadas ao público portador de deficiência visual.

Verdadeiro patrimônio cultural brasileiro, José Lewgoy trabalhou ao lado de grandes diretores do cinema nacional: Glauber Rocha, Hector Babenco, Carlos Manga, Fernando de Barros, Watson Macedo, Julio Bressane, Guilherme de Almeida Prado e também com os internacionais Paul Mazursky, Stanley Donen e Werner Herzog. Contracenou com alguns dos maiores atores e atrizes nacionais: Oscarito, Grande Otelo, Anselmo Duarte, Tônia Carrero, Walmor Chagas, assim como com alguns ícones do cinema mundial como Cláudia Cardinale. Sem dúvida, é um dos atores mais queridos do país, merecedor da admiração do grande público. Resgatar sua vida e obra significa revisitar momentos significativos do cinema nacional.

Agradecemos aos autores que contribuíram com textos neste catálogo: Eduardo Giffoni Flório, Gabriel Carneiro, Julio Bressane e Luis Fernando Veríssimo. Também o apoio fundamental do Canal Brasil, que nos cedeu importantes cópias digitais de qualidade, que fazem parte da programação.

Agradecemos ainda ao amigo e diretor Cláudio Kahns (Tatu Filmes), com quem trabalhamos no documentário sobre José Lewgoy, que nos apresentou a obra do ator e nos apoiou na iniciativa de programar esta mostra.

Por fim, agradecemos à família de José Lewgoy, representada por seu sobrinho Luciano Dahmer Hocsman, pela confiança e generosidade.

**Bruna Callegari e Rafael Buosi**  
Espaço Líquido



José Lewgoy e sua mãe,  
década de 1940

# José Lewgoy (1920-2003)\*

Por Eduardo Giffoni Flório

Filho de um russo com uma americana, José Lewgoy, o caçula de oito irmãos, guardava com carinho as lembranças da infância em Veranópolis, pequena colônia italiana no Rio Grande do Sul. Tinha saudade das sessões de cinema com o pai, seu programa predileto, e de dona Itália, da padaria, que lhe previu futuro de artista - o garoto era mestre em dar cambalhotas.

Nos anos 1930, mudou-se para Porto Alegre, passando a estudar em um ginásio metodista americano. Com jeito para línguas, logo aprendeu inglês. Com a falência do pai, Lewgoy passou a trabalhar numa loja de móveis e a estudar à noite. Nessa época, colecionava as famosas figurinhas de artista do sabonete Eucalol, e acompanhava tudo que acontecia no cinema.

Aos 18 anos formou-se em Ciências Políticas e Econômicas, mas não chegou a exercer a profissão. Veio a Guerra e Lewgoy empregou-se nos Correios. Mais tarde, já falando o francês, trabalhou como tradutor na Livraria Globo, onde conheceu Érico Veríssimo e Mário Quintana. Era o início de uma sólida formação cultural. Além de traduzir diversos clássicos da literatura, e da aproximação com Veríssimo e Quintana, Lewgoy entrou para o Teatro do Estudante. Na estreia da peça *O Viajante sem bagagem*, de Jean Anouilh, estava presente Érico Veríssimo junto com o adido cultural dos Estados Unidos, que impressionado com a atuação de Lewgoy, lhe ofereceu uma bolsa de estudos em Yale. Nessa época, cresceu em Porto Alegre a onda “macartista” e a bolsa de Lewgoy por pouco não naufragou. Com o visto negado por ter amigos comunistas, ele foi obrigado a viajar ao Rio de Janeiro, onde através da influência de Oswaldo Aranha e Paschoal Carlos Magno finalmente conseguiu a liberação do seu passaporte.

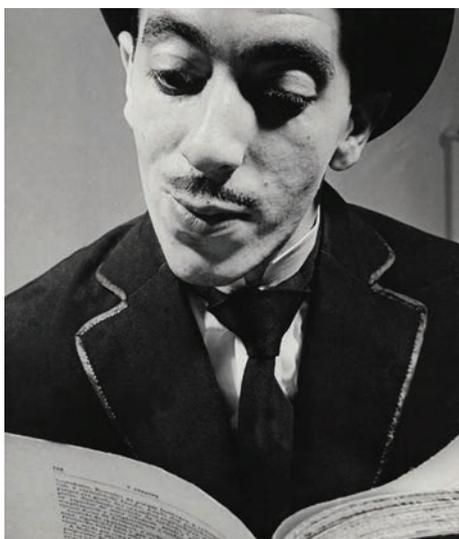
Lewgoy passou dois anos em Yale estudando Arte Dramática. Na volta, em 1949, conheceu o diretor Fernando de Barros e ganhou o papel de cafetão no filme *Quando a noite acaba*. Foi uma fase difícil para Lewgoy. Sem dinheiro, e praticamente desconhecido, morava num hotel barato na Cinelândia - o Hotel Rex -, e frequentava o “beco dos aflitos”, lo-

cal de encontro dos artistas da época. Um dia, o amigo Alinor Azevedo apresentou Lewgoy a Watson Macedo, que estava à procura de um vilão para o filme *Carnaval no fogo*. Macedo viu com reservas aquele tipo muito magro e de bigodinho fino - “É esse aí que vai brigar com o Anselmo?”. Mas o papel acabou ficando com Lewgoy, que incorporou pela primeira vez o vilão, que lhe marcaria a carreira durante um bom tempo. O filme foi um sucesso. Na estreia, no Cine São Luiz, sem dinheiro para o ingresso e sem convite, por acaso encontrou-se na porta do cinema com o jornalista e futuro diretor Jorge Ileri, que pagou sua entrada. Na saída, reconhecido pelo público em busca de autógrafos, só conseguiu sair do cinema sob proteção policial. Do ostracismo à fama em apenas duas horas. Daí pra frente Lewgoy viveria outros e outros vilões, numa sequência antológica de filmes, alternando dramas e chanchadas.

Em 1950, Lewgoy foi o professor Scaramouche, um mágico picareta em *Aviso aos navegantes*, de Watson Macedo. No ano seguinte (1951), viveu um nobre vigarista em *Aí vem o barão*, mais uma vez sob direção de Watson Macedo, e um dono de cassino desonesto em *Maior que o ódio*, de José Carlos



José Lewgoy na Universidade de Yale, década de 1940



Burle. Em 1952, deu mais uma prova de seu talento na pele de um banqueiro do bicho, em *Amei um bicheiro*, de Jorge Ileri e Paulo Wanderley - Lewgoy foi premiado como melhor ator do ano. De 1952, foi, também, *Três vagabundos*, de Burle, filme em que interpretou um cientista meio aloprado. Em *Carnaval Atlântida* (1953), de José Carlos Burle, um papel marcante - o "Conde Verdura" -, inspirado em Chaplin, e em *Matar ou Correr* (1954), dirigido por Carlos Manga, fez Jesse Gordon, um bandido muito malvado.

Com o dinheiro do prêmio recebido por *Amei um bicheiro*, Lewgoy resolveu ir ao Festival de Cannes. Em 1954, nosso vilão partiu numa viagem de férias que se prolongaria por dez anos. Vivendo em Paris, Lewgoy trabalhou em contabilidade no Escritório Comercial do Brasil, e esteve sempre em contato com seu país através da leitura de jornais e de turistas brasileiros. Ao cinema só voltou em 1957, no filme *S.O.S Noronha*, do francês Georges Rouquier, atuando ao lado de Jean Marais. Pela primeira vez, Lewgoy tirou a capa de vilão e fez o papel de mocinho. Até 1960, o ator participou de vários filmes na França. Nessa época, eclodiu a Nouvelle Vague com uma nova proposta de cinema feito por um grupo fechado de cineastas. Sem maiores oportunidades, Lewgoy foi trabalhar em Hamburgo como vendedor de café, representando uma firma brasileira. Em 1964, ele retornou ao Brasil. Foi uma etapa definitiva em sua carreira, em que trocava o estereótipo do vilão por trabalhos mais profundos consolidando-se como um verdadeiro ator.

Ator de teatro, cinema e TV, José Lewgoy trabalhou em mais de cem filmes, dos mais diversos gêneros, com os mais variados diretores. Desde as simples chanchadas da Atlântida, passando pelo cinema alegórico de Glauber Rocha - *Terra em transe* - até *Fitzcarraldo*, a grande epopeia do alemão Werner Herzog. E a velha dona Itália tinha mesmo razão. Aquele menino que vivia dando cambalhotas se tornou um artista. De cambalhota em cambalhota, de filme em filme. Um nome... Um ator... Um artista... José Lewgoy.

\* Texto originalmente publicado em *As grandes personagens da história do cinema brasileiro, 1930-1959*. Rio de Janeiro: Editora Fraiha, 1999.



Peça teatral *O viajante sem bagagem*,  
de Jean Anouilh, 1947



W. Miller

# Existe um pouco de José Lewgoy em todo o cinema brasileiro

Por Gabriel Carneiro\*

José Lewgoy fez de tudo. De sua estreia no cinema em 1950 à sua morte em 2003, o ator estampou as mais diversas fases da produção nacional, da chanchada à Retomada. Fez filmes atrelados ao Cinema Novo, ao Cinema Marginal, à Boca do Lixo, ao Beco da Fome, à Embrafilme, ao cinema paulista da geração de 1980. Esteve em comédias eróticas, musicais, filmes policiais, políticos e dramas de época. Se não bastasse, Lewgoy ainda foi um de nossos atores mais internacionais, aparecendo em quase vinte produções do mundo inteiro.

Poucos atores no cinema brasileiro podem se orgulhar de uma trajetória tão múltipla. Lewgoy mesmo não se orgulhava. Com fama de turrão, ranzinza, vaidoso, desdenhava publicamente de grande parte dos filmes que fez; “bobagens”, dizia. Uma pena. Pela perspectiva dele, porém, é possível compreender. Lewgoy era um grande ator, bastante versátil e culto. Pesquisava seus papéis ao melhor exemplo do *ser o personagem* do Método norte-americano - onde estudou atuação entre 1947 e 1949 -, sem deixar de lado a noção de que era um ator a representar, nos moldes brechtianos do antinaturalismo. Isso transparecia até em seus menores papéis. Lewgoy tinha uma incrível presença de cena e noção de ritmo, e não raro ofuscava aqueles com quem contracenava. Ainda assim, ele se firmou como um notável *character actor*, uma espécie de eterno coadjuvante, marcado por alguns personagens-tipos, muitas vezes chamativos ou não convencionais. Na centena de filmes em que atuou, fez apenas dois protagonistas. Um no episó-

dio *O Ibraim do subúrbio* (1977), de Cecil Thiré, no longa de mesmo nome, outro no paulista *Diário da província* (1979), de Roberto Palmari. Talvez venha daí o desgosto de Lewgoy com o cinema brasileiro. Ele mesmo dizia que não teve papéis que exigissem dele toda sua capacidade de interpretação. Muito do que fez foi escrito especialmente para ele e o ator atingiu um grau de prestígio que o fazia figurar entre os primeiros nomes dos créditos - mesmo quando tinha pouco tempo de tela ou aparecia em apenas uma ou duas seqüências. A dimensão dos papéis, aliás, parece ser o que permitiu a Lewgoy ter uma carreira tão profícua e diversificada no cinema brasileiro.





Contracenando com Alselmo Duarte em *Carnaval no fogo* (Watson Macedo, 1950)

## O vilão

Rosto ovalado, olhos e nariz grandes, bigode fino. Um tipo esguio, magro e cumprido, com uma postura arrogante. Características estas dignas da pior estirpe das tramas folhetinescas. José Lewgoy não tinha aparência de mocinho. Longe do padrão de beleza vigente, não fazia as moças suspirarem, como um Anselmo Duarte, um Cyll Farney ou um John Herbert faziam. Tampouco era um cômico, ainda que funcionasse bem nas esquetes. A Lewgoy restou encarnar o papel do vilão - a primeira e mais notória personificação do vilão no cinema brasileiro.

Gaúcho, o ator saiu dos EUA para o Rio de Janeiro. O primeiro a lhe contratar foi o português Fernando de Barros para o drama policial *Quando a noite acaba* (1950), depois relançado como *Perdida pela paixão*. Lewgoy, claro, fazia um vigarista. A estreia para o mundo, porém, foi na chanchada *Carnaval no fogo* (1950), de Watson Macedo. Filmado no final de 1949, depois do filme de Barros, a produção da Atlântida foi lançada antes, no carnaval em fevereiro de 1950. Nele, Lewgoy faz

Anjo, o chefe de uma gangue que rouba jóias, um sujeito tão misterioso que sequer conhece pessoalmente seus capangas. Numa trama rocambolesca, que se passa no Copacabana Palace, Anjo precisa encontrar os bandidos para repartir os ganhos, acontecimento constantemente atrapalhado pelos mocinhos.

*Carnaval no fogo* foi um sucesso, tornando-se o filme-modelo para as futuras chanchadas, as comédias musicais populares, produzidas em massa naquele momento pela companhia carioca Atlântida Cinematográfica. A fórmula passou a trazer confusões enfrentadas pelos mocinhos, recheadas de momentos cômicos, alternadas com números musicais, carnavalescos ou não. Os comediantes Oscarito e Grande Otelo lideravam o elenco. Lewgoy, de um ilustre desconhecido sem um tostão no bolso para comprar o ingresso da premiê, passou ao posto de astro após a sessão, espalhando autógrafos aos recém-conquistados fãs. Tornou-se também o principal vilão da produtora, presente em quase todos seus filmes seguintes.



Com Oscarito em *Carnaval Atlântida*  
(José Carlos Burle, 1953)



Interpretando o Conde Verdura em *Carnaval Atlântida*  
(José Carlos Burle, 1953)



*Amei um bicheiro*  
(Jorge Ilieli e Paulo Wanderley, 1953)

Lewgoy era o vilão clássico, essencialmente mau e oportunista, de cara sisuda. Raramente sorria. Não cabia aos vilões como os dele o papel do cômico - raramente o humor vinha de algo que fazia ou dizia, ainda que pudesse estar em cena ou mesmo servir de escada para os comediantes. Num tipo de cinema que exaltava o popular - seu público-alvo -, a altivez e a elegância de Lewgoy eram facilmente confundidas com soberba. Lewgoy era o outro. E fazia isso muito bem. Fosse a reedição de Anjo, no gângster Garcia de *Barnabé tu és meu* (1952), de José Carlos Burlle; fosse o temível pistoleiro Jesse Gordon na paródia do faroeste *Matar ou morrer* (1952) realizada por Carlos Manga, *Matar ou correr* (1954). Ou mesmo o deliciosamente expressivo e diabólico professor Scaramouche, mágico e espião internacional, de *Aviso aos navegantes* (1951), também de Macedo.

A genialidade de *Carnaval Atlântida* (1953) está talvez justamente em subverter uma série de procedimentos das chanchadas tradicionais. A troca de papéis, de identidades, é uma das balizas do gênero, mas costuma ser apenas temporária. O bandido é sempre bandido no final. No filme de Burlle, o vilão pode muito bem também não ser um vilão. Há uma ambiguidade benéfica no Conde Verdura

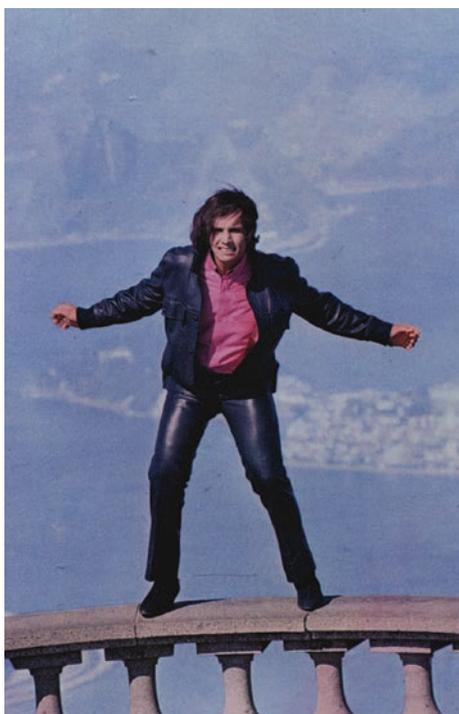
de Lewgoy, um chofer que se passa por nobreza para desposar a sobrinha de um rico produtor de cinema e subir na vida. Sua vilania existe basicamente para atrapalhar, ficar no caminho dos outros, e não para prejudicar. Ao trazer camadas ao falso Conde, o vilão equipara-se aos personagens de Grande Otelo e Colé, cômicos que fazem rir justamente por estarem dispostos a tudo por uma grana extra no final do dia. A cena do sonho, por exemplo, é sublime nesse sentido.

Uma alternativa ao vilão das chanchadas é o Almeida de *Amei um bicheiro* (1953). A seriedade do policial de Jorge Ileri e Paulo Wanderlay permitem a Lewgoy dar dramaticidade à interpretação, fazendo um bandido, dono de casas de apostas do jogo do bicho, entre a dureza e o desespero, a perversidade e a loucura. Outra alternativa é a entidade misteriosa, sem nome, sem falas, sem identidade, de sobretudo e óculos-escuros, do político *A vida provisória* (1968), de Maurício Gomes Leite - uma representação das forças de apagamento da ditadura militar.

Por volta da época do filme de Leite, que reverberava o cinemanovismo, há um reavivamento das chanchadas, com as marchinhas carnavalescas substituídas por músicas da moda, egressos da Jovem Guarda ou da MPB. São filmes que voltam



*Matar ou correr*  
(Carlos Manga, 1954)



Roberto Carlos em ritmo de aventura  
(Roberto Farias, 1968)



a utilizar a fórmula 'confusões + cenas musicais', mas repaginados para os tempos da contracultura e da juventude do final dos anos 1960. Lewgoy volta como vilão em veículos de promoção de Jerry Adriani (*Jerry, A grande parada*, 1967, de Carlos Alberto de Souza Barros), Roberto Carlos só (*Roberto Carlos em ritmo de aventura*, 1968, de Roberto Farias) ou acompanhado por Erasmo Carlos e Wanderléa (*Roberto Carlos e o diamante cor de rosa*, 1970, de Farias), e Chico Buarque, Nara Leão e Maria Bethânia (*Quando o carnaval chegar*, 1972, de Carlos Diegues). Até para José Mendes no sertanejo *Não aperta, Aparício* (1970), de Pereira Dias, Lewgoy faz o antagonista.

Desses, sem dúvida o destaque é o personagem Pierre, francês contratado para fazer o vilão no primeiro filme de Roberto Carlos. Farias aproveita o astro para criar uma trama anárquica e metalinguística em torno da filmagem de um longa estrelado pelo cantor, misturando a realidade diegética com a fictícia do filme criado em cena. Pierre foi concebido jus-

tamente para brincar com o passado de Lewgoy nas telas como eterno bandido e o filme sabiamente joga com essa consciência. Um dos grandes momentos do ator na carreira é seu monólogo sobre a representação da vilania no cinema e sobre o desejo de, pelo menos uma vez, derrotar o mocinho e sair vivo da trama.

A autorreferência é deixada de lado no segundo filme do Roberto Carlos bem como em *Quando o carnaval chegar*, ainda que este claramente também se apoie no passado de Lewgoy. Diegues empresta de *Carnaval no fogo* o nome Anjo para o vilão da história, agora um empresário que não se importa com seus artistas e só quer lucrar às custas deles. Pena que das chanchadas o cineasta só recupere isso ao compor uma trama em que as confusões são repetitivas, quase sem humor, e com cenas musicais quase sem movimentação ou estilização cênica.



## O rico

A medida que envelhecia e engordava, Lewgoy passou a ganhar outros tipos de papel. A erudição do ator balizou o convite para personagens frequentemente ricos (aristocráticos ou burgueses). Dos anos 1970 em diante, era raro interpretar um criminoso ou um antagonista - exceção talvez ao cartola Dr. Velhaccio em *Os Trapalhões e o rei do futebol* (1986), de Carlos Manga, único filme do ator com o quarteto. Gerações mais novas ou mais atentas à televisão do que ao cinema certamente vão se lembrar mais do Lewgoy pai ou homem de família, abonado ou de bom status social. A partir de 1972, ele estava sempre em cena em novelas e/ou em minisséries, quase todas da Rede Globo, muitas delas sucessos internacio-

nais, caso de *O rebu* (1974-75), *Anjo mau* (1976), *Dancin' days* (1978-79), *Louco amor* (1983), *Anos dourados* (1986), *Terra nostra* (1999-2000) e *Os maias* (2001), por exemplo.

A carreira do ator acompanhou a tendência do cinema brasileiro para produções populares, baratas e ágeis, que veio com o aumento da cota de tela para o longa-metragem (de 63 dias/anos, em 1969, para 112 em 1975, e 140 em 1980).

No cinema, também proliferaram pais, maridos, clérigos, empresários, entre outros. Esteve em diversas comédias eróticas, poucas paulistas da Boca do Lixo e muitas cariocas do Beco da Fome, a começar pela inaugural, *Os paqueras* (1969). No longa de Reginaldo Faria, cabe

a Lewgoy possivelmente a melhor cena. Ele é o marido traído que, histérico, tenta flagrar a qualquer custo o amante da esposa. A sequência mal dura cinco minutos, mas numa era em que as comédias param de prescindir de humoristas, o talento e a experiência de Lewgoy balanceiam essa equação - trazendo aqui exageros e cacotes para um tipo muito frequente dessas produções, o 'cornô'.

De certa forma, ele repete o papel em *A b... de ouro*, de Pedro Carlos Rovai, primeiro episódio de *Os mansos* (1973). Com cabelo comprido que emula juventude e um ar de desprendimento e libertinagem que o contextualizam à produção erótica, Lewgoy ainda fez o episódio *O terror das empregadas*, de Victor di Mello, do longa *Como era boa a nossa empregada* (1973). Nele, é um psicólogo que, enquanto trata um rapaz obcecado sexualmente por empregadas domésticas, seduz a mãe. Tais papéis, que buscam trabalhar as múltiplas facetas da sexualidade recém-conquistada pelo cinema,

mesclam galhofa, machismo e escárnio na mesma medida para provocar o humor, nem sempre bem sucedido.

Dessa fase, seus papéis mais interessantes, porém, são os que aliam o perfil granfino com o de bastião da moralidade. Em *Engraçadinha* (1981), de Haroldo Maranhão Barbosa, Lewgoy é Dr. Arnaldo, o pai da personagem-título, símbolo dos bons costumes, que faz de tudo para manter a imagem da família perante a sociedade. Entre o ultraje e a perversão, de olhos arregalados e com falas inflamadas, ele condena a relação adúltera e incestuosa entre a filha e o primo e ainda providencia um aborto clandestino - enquanto recrimina o absurdo moral que rodeia o episódio. Isso tudo porque, como revela na cena mais emblemática do longa, Silvio, o primo, é, na verdade, o irmão de *Engraçadinha*. A farsa, que só poderia ter saído da mente de Nelson Rodrigues, denuncia a hipocrisia desses baluartes morais, que ganham em Lewgoy um grande intérprete.



*Gente que transa*  
(Silvio de Abreu, 1974)



Na mesma toada está Casimiro Bilac, o conselheiro do Jornal do Momento, da comédia *Gente que transa* (1974), do sempre interessante Silvio de Abreu. O empertigado personagem luta para manter a decência do jornal, afastando-o do sensacionalismo, mas não resiste a adular sexualmente mulheres negras em lugares escusos.

Lewgoy sempre representou bem o papel de hipócrita. Seja no excesso de Arnaldo, seja na pateticidade de Casimiro. É essa mesma faceta, com outras nuances, que domina seus personagens nos policiais *O outro lado do crime* (1979), investida de Clery Cunha sobre o sucesso radiofônico de Gil Gomes, e *República dos assassinos* (1979), de Miguel Faria Jr. Em *Alberto*, do primeiro filme, o marido que tem um caso com uma moça jovem e mata a esposa para ganhar o seguro de vida, a hipocrisia surge da desilusão do casamento e do deslubrimento do novo romance. *Gilberto*, do segundo, o dono do jornal que primeiro promove e depois crucifica o Esquadrão da Morte porque o integrante Mateus Romeiro tem um caso com a filha, não vê problemas em ser

descaradamente dissimulado, beirando a perversão ao mudar de posição.

Em *Diário da província*, a hipocrisia é normatizada como jogada política. O protagonista de Lewgoy, Acácio Figueira, é um aristocrata que age conforme a máxima de Lampedusa (“é preciso mudar para permanecer o mesmo”) durante os turbulentos anos 1930. Aproveita-se dos cafeicultores que perdem suas fazendas com a queda da bolsa de valores em 1929, filia-se ao Partido Integralista e apoia Getúlio Vargas em 1930 e 1937, sempre buscando galgar posições sociais e de poder. O trabalho de câmera não valoriza as nuances da atuação de Lewgoy infelizmente, mas é possível encontrar um *modus operandi* do Brasil de 1979 nos trejeitos do ator: se vangloria cinicamente de tirar vantagem dos demais e se acovarda diante das reações contrárias.

Como rico, Lewgoy ainda foi um bêbado eufórico no paulistano *Festa* (1989), de Ugo Giorgetti, e diretor de redação no policial *O homem de papel* (1976), de Carlos Coimbra. Os papéis de clérigo se tornaram mais frequentes no



Produtor:  
Pedro Carlos Rovai  
produtores associados:  
Sincrofilme  
Lynsfilin  
Artenova Filmes  
**COLORIDO**

SINCRO FILMES — EMBRAFILME apresentam

# O IBRAIM DO SUBÚRBIO

DIREÇÃO: ASTOLFO ARAUJO — CECIL THIRÉ

**JOSE LEWGOY**  
Heloisa Mafalda  
Lucélia Santos  
Luiz Fernando  
Leina Krespi  
Margot Louro

**PAULO HESSE**  
Suzana Faini  
Wilson Grey  
Fregolente  
Lourdes Mayer  
Nelson Cayuso



Produtor:  
Pedro Carlos Rovai  
produtores associados:  
Sincrofilme  
Lynsfilin  
Artenova Filmes  
**COLORIDO**

SINCRO FILMES — EMBRAFILME apresentam

# O IBRAIM DO SUBÚRBIO

DIREÇÃO: ASTOLFO ARAUJO — CECIL THIRÉ

**JOSE LEWGOY**  
Heloisa Mafalda  
Lucélia Santos  
Luiz Fernando  
Leina Krespi  
Margot Louro

**PAULO HESSE**  
Suzana Faini  
Wilson Grey  
Fregolente  
Lourdes Mayer  
Nelson Caruso



*O Judeu*  
(Jom Tob Azulay, 1995)

final dos anos 1980 e começo dos 1990, tipo presente em seus filmes da Retomada. Fez um padre em *Stelinha* (1990), de Miguel Faria Jr., o monge superior em *O monge e a filha do carrasco* (1996), de Walter Lima Jr., e o cardeal Dom Nuno da Cunha em *O Judeu* (1995), de Jom Tob Azulay. Neste, Lewgoy traz sutileza ao papel baseado em fatos reais, sobre a perseguição do cristão-novo Antonio José da Silva em Portugal, no século XVIII.

A grande sacada de *O Ibraim do subúrbio* é justamente brincar com a postura burguesa que Lewgoy passou a encarnar nos anos 1970. No episódio, ele interpreta Casimiro de Abreu, “contraparente” do poeta, um alfaiate pobretão com delírios de riqueza. Veste-se com os

melhores ternos feitos na alfaiataria em que trabalha, fala com voz empostada e com palavras difíceis e demonstra desprezo pelos vizinhos populares. Obcecado pela coluna de Ibrahim Sued sobre a alta sociedade, Casimiro decide gastar fortunas no casamento da filha, que engravida do namorado, apenas para aparecer na sessão do jornalista. Lewgoy demonstra domínio das características que lhe marcaram nessa segunda fase de sua carreira sem perder a autoironia. O humor não vem de exageros, mas da contenção com que apresenta a ambiguidade do personagem - quase como se piscasse para o espectador comprar aquele absurdo tragicômico.



*Terra em transe*  
(Glauber Rocha, 1967)

## O político, o conselheiro, o cineasta

Primeiro vem a imensidão do mar, coberto pelos letreiros do filme. Depois, o rosto de Felipe Vieira, que anda esbaforido e desvairado, ao lado de seus correligionários, olhando folhas de papel e as jogando no chão, até que encontra um pequenos grupo de conhecidos e diversas câmeras a lhe fotografar. Seu governo caiu; é se render ou morrer. Vieira é Lewgoy e parece sintetizar um dos diagnósticos da política brasileira feito por Glauber Rocha em *Terra em transe* (1967): eleito pelos votos dos populares - camponeses e operários -, esperança da esquerda revolucionária, sucumbe às vontades dos que pagaram pela campanha. Existe um eco de chanchada no longa que nunca se concretiza como comédia, mas que ingesta em cena um absurdo e uma caricatura que apenas transformam a trama em tragédia. Vieira parece existir nessa situação limítrofe, entre o estado real das coisas e a farsa. Em sua contribuição ao Cinema Novo, Lewgoy assume em Vieira uma hierarquia de poderes, que o fazem esbanjar

uma boçalidade nas andanças para se promover, entre atores e desavisados - miseráveis e desconhecidos -, e o pavor da covardia, quando confrontado por forças mais poderosas.

Se a carreira de Lewgoy no cinema parece confinada a imagens pré-concebidas, *Terra em transe* e alguns outros filmes se aproveitaram disso para subverter a expectativa e extrapolar as possibilidades dramáticas do ator, em papéis austeros que tensionam a própria ideia de representação. São personagens que carregam a mesma ironia de *O Ibraim do subúrbio*, mas em criações que tergiversam a narrativa e apostam no cênico e no metalinguístico.

É o caso do conselheiro Aires, de *O gigante da América* (1980), e do João do Rio, de *Tabu* (1982), ambos de Julio Bressane. Se tal tensionamento, no último, parece mais obra da direção e da montagem ao incorporar cenas e falas não diegéticas, de bastidores, no primeiro vem do choque da narrativa com a persona de Aires. O conselheiro é uma





Jardel Filho  
Paulo Autran  
José Lewgoy

# TERRA E

um filme de  
Mapa



# M TRANSE

Glauber Rocha  
a/Difilm

Glaube Rocha  
Paulo Gracindo  
Danuza Leão



Com Wilson Grey em *O gigante da América*  
(Julio Brassene, 1980)

espécie de convidado num navio-fantasma pelo qual passa o caboclo protagonista. Num filme com poucos diálogos, Aires é o verbo. Suas falas não buscam produzir conteúdo e sim a reflexão da palavra enquanto som (os trocadilhos, por exemplo) e da fala enquanto ato de reconhecimento (ele, enquanto uma figura que importa). Até por isso Lewgoy emposta a voz, repete-se, domina o diálogo com seu companheiro de cena e dá vazão a uma gestualidade da fala - mexendo as mãos, balançando a cabeça, como se tentasse convencer mais a si mesmo do que a quem está com ele; só ele, o verbo, importa ali. Não à toa, ele perde a compostura e volta ao estado primal: o corpo, a onomatopeia - o instinto antes do intelecto. Os filmes de Bressane foram a ponte de Lewgoy com o chamado Cinema Marginal ou com o Cinema de Invenção, como cunhou o crítico Jairo Ferreira, e reforçam a pluralidade do ator, que se dispunha para (e interessava a) filmes pequenos e de pesquisa de linguagem da mesma maneira que se dedicava a telenovelas, comédias maliciosas e policiais, entre outros.

Nos filmes de Guilherme de Almeida Prado, um dos principais nomes da geração de 1980 do cinema paulista, Lewgoy representa o elo com o passado, a relação afetiva que o diretor tem com o cinema brasileiro. O primeiro contato vem com o desejo de ter o ator-ícone do vilão justamente para jogar com a expectativa do público sobre a entrada de seu personagem em cena em *A dama do Cine Shanghai* (1988). Linus Mickevicius não passa de um velho cineasta aposentado, que prefere imaginar os filmes a fazê-los. Ele volta a interpretar um diretor de cinema, agora na ativa, em *Perfume de gardênia* (1992), Ody Marques, um especialista em produções eróticas. Criado em homenagem a Ody Fraga, que deu as primeiras oportunidades a Prado, o Ody de Lewgoy mistura candura e picardia, com a nostalgia típica das tramas do diretor. Em *A hora mágica* (1998), o ator aparece em três papéis: o diretor de cinema; Max, o porteiro velho e cego do prédio do protagonista; e o estrangeiro Hilário, que é sonoplasta da rádio e mímico nas horas vagas. São três facetas da carreira de Lewgoy em um filme: o burguês, o velho e o vilão.



Com Julia Lemmertz em *A hora mágica*  
(Guilherme de Almeida Prado, 1998)



*A hora mágica*  
(Guilherme de Almeida Prado, 1998)



Com Claudia Cardilane em *Una Rosa per Tutti*  
(Franco Rossi, 1967)

## O cinema estrangeiro

Em 1954, o ator foi para França acompanhar o Festival de Cannes e por lá ficou. Após subempregos em Paris, o cineasta Nelson Pereira dos Santos indicou Lewgoy para Georges Rouquier, que preparava um longa sobre a resistência da base de rádio-comunicação francesa em Fernando de Noronha durante a Revolução de 1930. O cineasta francês queria um brasileiro para um dos papéis principais, Pratinho, que auxilia na manutenção da estação, em *S.O.S. Noronha* (1957). Aqui, o ator assume o papel de herói. Alternando o francês e o português, curvado, baixo para os padrões franceses, Lewgoy interpreta um de seus personagens mais mundanos. Dentro do estereótipo do latino, é o que mais se exalta na base. O curioso do longa, que conta também com Ruy Guerra e Vanja Orrico no elenco, é que é um filme de aventura que se passa dentro de um escritório à espera de uma invasão que só virá ao final. O desempenho foi a porta de entrada de Lewgoy para o cinema internacional e rendeu outros contratos na França: *Escapada* (Escapade, 1957), de Ralph Habib; *Les fanatiques* (1957), de Alex Joffé; e *Quand sonnera midi* (1958), de Edmond T. Gréville. Veio a Nouvelle Vague, o cinema na França mudou e o ator mais uma vez se viu afastado das telas.

Regressou ao Brasil em 1964 e tornou-se referência para cineastas estrangeiros que vinham filmar aqui. Poliglota, atuou, em produções italianas (*Duello nel mondo*, 1966, de Luigi Scattini; *Uma rosa para todos / Una rosa per tutti*, 1967, de Franco Rossi), francesas (*Arrastão / Les amants de la mer*, 1966, de Antoine D'Ormesson; *Operação tumulto / Le grabuje*, 1973, de Édouard Luntz), sueca (*Palmeiras negras / Svar-ta palmkronor*, 1968, de Lars Magnus Lindgren), alemãs (*Fitzcarraldo*, 1982, e *Cobra Verde*, 1987, ambas de Werner Herzog), norte-americanas (*Tarzan e o menino da selva / Tarzan and the jungle boy*, 1968, de Robert Gordon; *Feitiço do Rio / Blame it on Rio*, 1984, de Stanley Donen; *Luar sobre Parador / Moon over Parador*, 1988, de Paul Mazursky) e uma coprodução entre vários países europeus (o terceiro episódio de *Mercenários do crime / Gern hab' ich die Frauen gekillt*, 1966, de Robert Lynn). Além da coprodução Brasil-EUA, *O beijo da mulher aranha* (Kiss of the spider woman, 1984), de Hector Babenco, em que faz o resignado diretor da prisão.



Com Jean Marais em *S.O.S. Noronha*  
(Georges Rouquier, 1957)

Os papéis eram, em geral, pequenos. No cinema estrangeiro, também reproduzia os tipos que o marcaram no Brasil. Fez o arcebispo em *Luar sobre Parador*, o vizinho rico em *Feitiço do Rio*, o pai em *Operação tumulto*, o pai aristocrata em *Cobra Verde* e o barão da borracha em *Fitzcarraldo*. É interessante notar, porém, que há uma vivacidade mesmo em papéis não creditados, como em *Tarzan e o menino da selva*, em que faz o líder de um vilarejo no meio da selva africana e que ajuda Tarzan a chegar ao povo Zagunda. Num dos retratos mais caricatos do país, *Feitiço do Rio*, Lewgoy funciona como o elo entre os americanos e o Brasil. Donen, em seu último longa para cinema, dá mais espaço para o ator, utilizando, em especial, seu talento cômico.

Quem melhor aproveitou suas habilidades, no entanto, foi Herzog. Em ambos os longas, o personagem de Lewgoy é o que possibilita a jornada tanto de Fitzcarraldo quanto de *Cobra Verde*, fei-

tos por Klaus Kinski. Seu Don Aquilino é o novo rico que fez a América - é alegre, galhofeiro, provocador -, um contraponto ao próprio Fitzcarraldo, que fracassou em sua empreitada original e vive deprimido. Don Octávio Coutinho, em contrapartida, é ressentido e aproveitador, um escravocrata à beira de perder seus negócios. *Cobra Verde* traz uma de suas melhores cenas entre seus filmes estrangeiros, que ecoa seu papel em *Engraçadinha*: desvairado, circula pela casa derrubando tudo e vociferando contra as três filhas que engravidaram de Cobra. Lewgoy funciona bem mesmo dublado por outro ator.

Sua melhor interpretação no cinema estrangeiro, em contrapartida, foi no colombiano *La mansión de Araucaima* (1986), de Carlos Mayolo. Baseado no conto homônimo de Álvaro Mutis, uma adaptação para uma estética que ficou conhecida como 'gótico tropical', o longa acompanha uma série de personagens confinados num casarão aristocrático iso-



*Tarzan e o Menino da Selva*  
(Robert Gordon, 1968)



Com Klaus Kinski em *Fitzcarraldo*  
(Werner Herzog, 1982)

lado do tempo e do espaço, perturbados pela chegada de uma estranha. Lewgoy faz Don Graci, o dono da mansão, um velho que encontra prazer em escutar música clássica e em se banhar no lago em companhia de seu escravo ou de outro ocupante da casa. A atmosfera fantástica, surreal, que permeia o último filme da Caliwood, influencia e é diretamente influenciada pelos atores. Nisso, ora a delicadeza de gestos quando está aéreo, ora a expressão de contentamento e a energia quando interage com os demais - em especial nos banhos - de Lewgoy permitem uma flutuação de humor e de ações que leva ao constante estranhamento do filme.

Quando faleceu, em 2003, vítima de uma parada cardiorrespiratória, o ator estava em processo de realizar, com Cláudio Kahns, da Tatu Filmes, um documentário sobre seu assunto preferido: ele mesmo. O longa felizmente aconteceu. Para preencher a ausência de um Lewgoy exclusivo, muito material de arquivo e depoi-

mentos diversos. *Eu, eu, eu José Lewgoy* foi lançado em 2009.

Lewgoy pode não ter tido os papéis que desejava ou mesmo merecia, tampouco o tratamento de estrela que queria nas produções baratas em que atuou, mas seu desprendimento e sua adesão a encarar qualquer convite fizeram dele um dos atores mais ecléticos da produção nacional. Não há como passear pelo cinema brasileiro e não encontrar José Lewgoy em algum lugar.

\*Gabriel Carneiro é jornalista, crítico e pesquisador de cinema, mestre em Multimeios pela Unicamp. Sócio-fundador da Abraccine (Associação Brasileira de Críticos de Cinema), escreveu, entre outros, para a *Revista de Cinema*, a *Revista Zingu!* e o *Cinequanon*. Tem textos publicados em livros, coletâneas e catálogos diversos. Como diretor e roteirista, realizou *Morte e Morte de Johnny Zombie* (2011), *Batchan* (2013) e *Aquela Rua Tão Triunpho* (2016).

# Filmes



*Quando a noite acaba* (ou *Perdida pela paixão*),  
de Fernando de Barros, 1950



### Quando a noite acaba (ou Perdida pela paixão)

**Ano de Produção:** 1950  
**País de Origem:** Brasil  
**Cromia:** Preto e Branco  
**Duração:** 90'  
**Formato Original:** 35mm

**Direção:** Fernando de Barros  
**Roteiro:** Fernando de Barros, José Aurélio  
**Direção de fotografia:** Mario Pagés  
**Montagem:** Mario Del Rio  
**Cenografia:** Carlos Thiré, João Maria dos Santos  
**Música:** Walter Schultz  
**Produtor associado:** Roberto Acácio  
**Produção:** Fernando de Barros  
**Companhia produtora:** Artistas Associados

**Elenco:** Tonia Carreiro, Roberto Acácio, Orlando Villar, Jackson de Souza, Maria Castro, Inês Valéria, José Lewgoy, Nídia Lícia, Ana Beatriz.

**Sinopse:** A prostituição à beira do cais, com as angústias e frustrações das garotas que não têm passado nem futuro, só presente. Ambientado em bairro popular do Rio de Janeiro, o filme, de acento policial, narra a história de uma jovem que se apaixona por um vigarista e experimenta complicações daí decorrentes.

\*Prêmio de melhor ator secundário para José Lewgoy, segundo a Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos, 1950.

**Classificação indicativa:** 14 anos



### Carnaval no fogo

**Ano de Produção:** 1950  
**País de Origem:** Brasil  
**Cromia:** Preto e Branco  
**Duração:** 90'  
**Formato Original:** 35mm

**Direção:** Watson Macedo,  
**Argumento:** Anselmo Duarte  
**Roteiro:** Watson Macedo, Alinor Azevedo  
**Direção de fotografia:** George Dusek  
**Montagem:** Waldemar Noya, Watson Macedo e Anselmo Duarte  
**Cenografia:** José Cajado Filho  
**Sonografia:** Sílvio Rabelo  
**Arranjos musicais:** Lírio Panicalli  
**Coreografia:** Juliana Yanakiewa  
**Companhia produtora:** Atlântida Cinematográfica

**Elenco:** Oscarito, Grande Otelo, Anselmo Duarte, José Lewgoy, Modesto de Souza, Rocir Silveira, Adelaide Chiozzo, Eliana Macedo.

**Sinopse:** Uma quadrilha de criminosos se hospeda no Copacabana Palace à espera do chefe desconhecido, cuja identificação será dada por meio de sua cigareira incomum. Acidentalmente, o objeto acaba parando nas mãos de Ricardo, diretor artístico que prepara um show para o carnaval no hotel.

**Classificação indicativa:** 14 anos



### Aviso aos navegantes

**Ano de Produção:** 1951  
**País de Origem:** Brasil  
**Cromia:** Preto e Branco  
**Duração:** 113'  
**Formato Original:** 35mm

**Direção:** Watson Macedo  
**Argumento:** Watson Macedo  
**Roteiro:** Alinor Azevedo, Paulo Machado  
**Direção de fotografia:** Edgar Brasil  
**Montagem:** Waldemar Noya, Wilson Monteiro  
**Direção musical:** Lindolfo G. Gaya  
**Coreografia:** Juliana Yanakiewa  
**Produção:** Severiano Ribeiro Jr.  
**Companhia produtora:** Atlântida Cinematográfica

**Elenco:** Oscarito, Grande Otelo, Anselmo Duarte, José Lewgoy, Adelaide Chiozzo, Eliana Macedo, Sérgio de Oliveira, Ivon Cury, Mara Rios, Yara Izabel, Inah Malaguti, Cuquita Carballo, Zezé Macedo, Dalva Oliveira, Emilinha Borba, Elvira Pagã, Juliana Yanakiewa.

**Sinopse:** Um luxuoso navio parte de Buenos Aires para o Rio de Janeiro. No meio da viagem, os passageiros recebem alerta de que um perigoso espião está a bordo. Todos se unem para capturá-lo, dando início a uma série de aventuras intercaladas por números musicais e desencontros amorosos.

**Classificação indicativa:** 12 anos



### Amei um bicheiro

**Ano de Produção:** 1953  
**País de Origem:** Brasil  
**Cromia:** Preto e Branco  
**Duração:** 80'  
**Formato Original:** 35mm

**Direção:** Jorge Ileri, Paulo Wanderley  
**Assistência de direção:** Carlos Manga  
**Roteiro/ Argumento:** Jorge Dória,  
**Direção de fotografia:** Amleto Daissé  
**Montagem:** Waldemar Noya, Jorge Ileri  
**Genografia:** José Cajado Filho  
**Direção de som:** Aloisio Viana  
**Música:** Leo Peracchi  
**Companhia produtora:** Atlântida Cinematográfica

**Elenco:** Cyll Farney, Eliana Macedo, José Lewgoy, Josette Bertal, Grande Otelo, Norma Fleming, José Policena, Renato Murce, Wilson Grey, Wilson Viana, Aurélio Teixeira, Jece Valadão, Jesus Ruas, João Pércles, Mário Japa.

**Sinopse:** Carlos é um jovem ambicioso, que sai do interior e vem para o Rio de Janeiro, onde acaba se envolvendo com o jogo do bicho. Depois de um tempo na cadeia, resolve mudar de vida ao se casar com Laura e viver honestamente. Quando sua mulher fica doente, Carlos volta à antiga atividade e acaba desafiando o poderoso Almeida, um violento banqueiro do jogo do bicho.

\*Prêmio de Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Ator para José Lewgoy e Melhor Fotografia para Amleto Daissé no Festival do Distrito Federal, 1953.

**Classificação indicativa:** 14 anos



## Carnaval Atlântida

**Ano de Produção:** 1953

**País de Origem:** Brasil

**Cromia:** Preto e Branco

**Duração:** 92'

**Formato Original:** 35mm

**Direção:** José Carlos Burle, Carlos Manga

**Argumento:** Berliet Jr, Victor Lima

**Roteiro:** José Carlos Burle, Berliet Jr., Victor Lima

**Direção de fotografia:** Amleto Daissé

**Montagem:** Wilson Monteiro

**Cenografia:** Martim Gonçalves, Pablo Olivo

**Figurinos:** Gilda Bastos, Osvaldo Mota

**Direção musical:** Lirio Panicalli

**Coreografia:** Juliana Yanakiewa

**Produção:** Guido Martinelli

**Companhia produtora:** Atlântida Cinematográfica

**Elenco:** Oscarito, Grande Otelo, Cyll Farney, Eliana Macedo, José Lewgoy, Colé, Renato Restier, Wilson Grey, Iracema Vitória, Carlos Alberto, Blecaute, Francisco Carlos, Bill Farr, Nora Ney, Dick Farney, Orquestra de Chiquinho, Aurélio Teixeira, Jesus Ruas, Leonel Saraiva, Rosa Sandrini, Victor Binot.

**Participação especial:** Maria Antonieta Pons.

**Sinopse:** Dois malandros cariocas, Piro e Miro, apresentam ao Dr. Cecílio B. de Milho, produtor da Acrópolis Filmes, o argumento de uma chanchada. O produtor, que sonha fazer um épico sobre Helena de Tróia, recusa o argumento, mas os contrata como faxineiros do estúdio. Decidido a realizar seu filme, Cecílio procura o professor Xenofontes, especialista em mitologia grega, para ajudar na realização do épico, que acaba virando uma comédia carnavalesca.

**Classificação indicativa:** Livre



## Matar ou Correr

**Ano de Produção:** 1954

**País de Origem:** Brasil

**Cromia:** Preto e Branco

**Duração:** 100'

**Formato Original:** 35mm

**Direção:** Carlos Manga

**Roteiro:** Amleto Daissé, Victor Lima

**Direção de fotografia:** Amleto Daissé

**Montagem:** Wilson Monteiro

**Direção de som:** Aloisio Viana

**Música:** Luís Bonfá, Lirio Panicalli

**Coreografia:** David Dupré

**Produção:** Vinicius Silva

**Companhia produtora:** Atlântida Cinematográfica

**Elenco:** Oscarito, Grande Otelo, José Lewgoy, Renato Restier, Wilson Viana, John Herbert, Inalda de Carvalho, Wilson Grey.

**Sinopse:** Uma cidadezinha do Velho Oeste é aterrorizada pelos desmandos do bandido Jesse Gordon. Certo dia, de passagem pelo lugar, os forasteiros Kid Bolha e Cisco Kada deparam-se com o vilão e acidentalmente o nocauteiam. Em gratidão, os moradores de City Down nomeiam Kid Bolha seu novo xerife. No entanto, tempos depois, Jesse Gordon escapa da prisão. Sedento por vingança, o bandoleiro ameaça atemorizar a cidade e acabar com o xerife.

**Classificação indicativa:** Livre



## S.O.S Noronha

**Ano de Produção:** 1957

**País de Origem:** França

**Cromia:** Cor

**Duração:** 94'

**Formato Original:** 35mm

**Formato de Exibição:** DVD

**Direção:** George Rouquier

**Roteiro:** Thomas Narcejac, Pierre Boileau

\*Baseada no romance original de Pierre Vire

**Direção de fotografia:** Henri Decae

**Montagem:** Germaine Artus

**Música:** Jean-Jaques Grunewald

**Produção:** André Halley des Fontaines, Eugene Nase

**Companhia produtora:** UGC- Union Generale Cinematographique

**Distribuição:** Les Documents Cinématographiques

**Elenco:** Jean Marais, José Lewgoy, Yves Massard, Daniel Ivernel, Ruy Guerra, Vanja Orico, Nerio Bernardi.

**Sinopse:** Em plena explosão de uma revolução no Brasil, um grupo de homens de uma base de comunicação francesa fica encurralado por prisioneiros da ilha de Fernando de Noronha, enquanto esperam o resgate.

**Classificação indicativa:** 14 anos



## Les Fanatiques

**Ano de Produção:** 1957

**País de Origem:** França

**Cromia:** Preto e Branco

**Duração:** 90'

**Formato Original:** 35mm

**Formato de Exibição:** Arquivo digital

**Direção:** Alex Joffé

**Roteiro:** Alex Joffé, Jean Levitte

**Direção de fotografia:** L.H. Burel

**Montagem:** Raymond Lamy

**Cenografia:** Jacques Paris

**Som:** Jacques Lebreton

**Música:** Paul Misraki

**Produção:** Pierre Lévy

**Companhia produtora:** Cinégraph, Cooperative Generale du Cinema, Filmes Régent

**Distribuição:** INA fr (Institut national de l'audiovisuel)

**Elenco:** Pierre Fresnay, Michel Auclair, José Lewgoy, Grégoire Aslan, Françoise Fabian, Tilda Thamar, Betty Schneider, Edward Fleming, Pierre Tabard, René Hell, Gregori Chmara, René Alone, Luce Aubertin, François Marié.

**Sinopse:** Uma revolução acaba de acontecer em um país sul-americano, enquanto seu ditador General Ribéra está ausente em uma viagem. Diante da situação, Ribéra decide retornar ao seu país para enfrentar os revolucionários. No vôo, também está Luis Vargas, o principal adversário de seu regime ditatorial, que pretende matá-lo.

**Classificação indicativa:** 14 anos



### Terra em transe

**Ano de Produção:** 1967  
**País de Origem:** Brasil  
**Cromia:** Preto e Branco  
**Duração:** 105'  
**Formato Original:** 35mm  
**Formato de Exibição:** Arquivo digital

**Direção:** Glauber Rocha  
**Roteiro:** Glauber Rocha  
**Direção de fotografia:** Luiz Carlos Barreto  
**Montagem:** Eduardo Escorel  
**Trilha Sonora:** Carlos Gomes, Giuseppe Verdi, Heitor Villa-Lobos, Sérgio Ricardo  
**Produção:** Carlos Diegues, Luiz Carlos Barreto, Zelito Viana  
**Companhia produtora:** Mapa Filmes  
**Distribuidora:** Difilm

**Elenco:** Jardel Filho, Paulo Autran, José Lewgoy, Glaube Rocha, Paulo Gracindo, Hugo Carvana, Danuza Leão, Jofre Soares, Modesto de Souza, Francisco Milani, Echio Reis, Mário Lago, Flavio Migliaccio, Maurício do Valle, Paulo Cesar Pereio.

**Sinopse:** Em Eldorado, o poeta e jornalista Paulo Martins, à beira da morte, rememora sua participação em lutas políticas. Dividido entre dois aspirantes ao poder e manipulado pela multinacional Explint, ele agoniza. O jornalista se vê incapaz de solucionar as contradições de Eldorado ao tentar equacionar de forma conseqüente poesia e política.  
\*Prêmio FIPRESCI no Festival de Cannes.

**Classificação indicativa:** 14 anos



### Roberto Carlos em ritmo de aventura

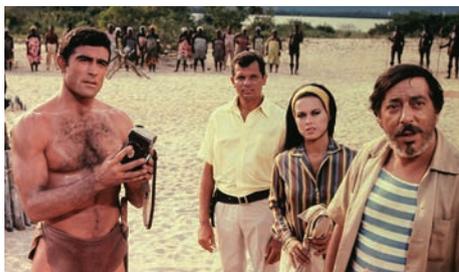
**Ano de Produção:** 1968  
**País de Origem:** Brasil  
**Cromia:** Colorido  
**Duração:** 98'  
**Formato Original:** 35mm  
**Formato de Exibição:** Arquivo digital

**Direção:** Roberto Farias  
**Roteiro:** Roberto Farias, Paulo Mendes Campos  
**Direção de fotografia:** José Medeiros  
**Montagem:** Roberto Farias, Raimundo Higino  
**Cenografia:** Arthur Jorge  
**Trilha Sonora:** Roberto Carlos  
**Companhia produtora:** Produções Cinematográficas R. F. Farias  
**Distribuidora:** Difilm

**Elenco:** Roberto Carlos, José Lewgoy, Reginaldo Farias, Rose Passini, Conjunto RC-7, Sérgio Malta, Jannik Pagh, Jacques Jover, Frederico Mendes, Márcia Gonçalves, Ana Levy, Marisia Levy, Grace Lourdes, Elizabeth Faria, Giomar Yukawa, Riva Faria.

**Sinopse:** Roberto Carlos, ídolo da música jovem brasileira, é perseguido por um bando que pretende utilizá-lo para a produção em massa de canções, com a ajuda de um cérebro eletrônico. Roberto, que está fazendo um filme com o vilão francês Pierre, é obrigado a fugir de helicóptero, avião, automóvel, tanque e até foguete espacial.

**Classificação indicativa:** Livre



## Tarzan e o Menino da Selva

(Tarzan and the Jungle Boy)

**Ano de Produção:** 1968

**País de Origem:** Estados Unidos da América

**Cromia:** Colorido

**Duração:** 99'

**Formato Original:** 35mm

**Formato de Exibição:** DVD

**Direção:** Robert Gordon

**Roteiro:** Stephen Lord

**Direção de fotografia:** Ozen Sermet

**Montagem:** Milton Mann

**Cenografia:** Herbert Smith

**Música:** William Loose, Igo Kantor

**Produção:** Robert Day, Sy Wintraub

**Companhia produtora:** Alfin Filmes;  
Banner Filmes

**Distribuidora:** Paramount Pictures

**Elenco:** Mike Henry, Alizia Gur, José Lewgoy, Rafer Johnson, Steve Bond, Ronald Ganz, Diana Millay, Eddie Johnson, Don Hattgay, Alfredo Ramacioti, Nelson Moura, Rejane Medeiros, Gabriel Queiroz.

**Sinopse:** Em uma viagem, um geólogo e seu filho são arrastados por uma correnteza. Seis anos depois, uma jornalista e seus assistentes chegam à selva para procurar o garoto. Ela então pede a ajuda de Tarzan para encontrar o menino. Milagrosamente o menino sobreviveu na selva. No entanto, ele está correndo perigo, pois Nagambi, um nativo, deseja matá-lo num sacrifício.

**Classificação indicativa:** Livre



## Quando o carnaval chegar

**Ano de Produção:** 1972

**País de Origem:** Brasil

**Cromia:** Colorido

**Duração:** 90'

**Formato Original:** 35mm

**Formato de Exibição:** Arquivo digital

**Direção:** Carlos Diegues

**Roteiro:** Carlos Diegues

**Direção de fotografia:** Dib Lutfi

**Montagem:** Eduardo Escorel

**Arranjos musicais:** Magro Waghabi, Roberto Menescal

**Produção:** Zelito Viana, Carlos Alberto Prates, Carlos Dignes, Luiz Buarque de Hollanda, K. M. Eckstein

**Companhia produtora:** Mapa Produções  
Cinematográficas

**Elenco:** Chico Buarque de Holanda, Nara Leão, Maria Bethânia, Hugo Carvana, Antonio Pitanga, Ana Maria Magalhães, José Lewgoy, Elke Evremides, Wilson Grey, Zeni Pereira, Scarlet Moon, Vera Manhães.

**Sinopse:** Cinco artistas de uma trupe viajam pelo Brasil num ônibus colorido. Reunião na tela do trio célebre de cantores Nara Leão, Maria Bethânia e Chico Buarque, num musical político, que conta com trilha sonora de grande sucesso.

**Classificação indicativa:** Livre



## O Ibraim do subúrbio

**Ano de Produção:** 1977

**País de Origem:** Brasil

**Cromia:** Colorido

**Duração:** 90'

**Formato Original:** 35mm

**Formato de Exibição:** Arquivo digital

**Direção:** Cecil Thiré, Astolfo Araújo

**Roteiro:** Armando Costa, Cecil Thiré, Astolfo Araújo, Dennis Toledo

**Direção de fotografia:** Roberto Pace

**Montagem:** Sylvio Renoldi

**Cenografia:** Germano Brum

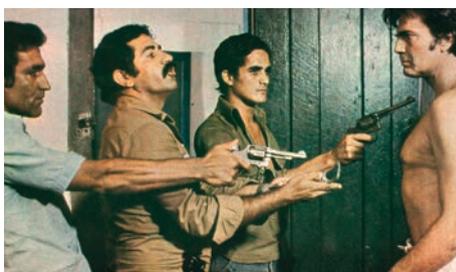
**Produção:** Pedro Rovai

**Companhia produtora:** Sincrocine

**Elenco:** José Lewgoy, Eloísa Mafalda, Lucélia Santos, Luiz Fernando Guimarães, Jorge Chaia, Leina Krespi, Paulo Hesse, Suzana Faini, Wilson Grey, Lourdes Mayer, Fregolente, Sérgio Hingst, Procópio Mariano, Tony Ferreira, Nelson Caruso.

**Sinopse:** Comédia em dois episódios. No primeiro, Roy, o gargalhador profissional recebe uma oferta de emprego em um programa de TV. No segundo, O Ibraim do subúrbio, Case-miro, um alfaiate pobre com mania de grandeza sonha em ter o seu nome mencionado na coluna social de Ibraim Sued.

**Classificação indicativa:** Livre



## República dos assassinos

**Ano de Produção:** 1979

**País de Origem:** Brasil

**Cromia:** Cor

**Duração:** 100'

**Formato Original:** 35mm

**Formato de Exibição:** Arquivo digital

**Direção:** Miguel Faria Jr.

**Roteiro:** Aguinaldo Silva, Miguel Faria Jr.

**Direção de fotografia:** João Carlos Horta

**Montagem:** Carlos Brajsblat

**Direção de arte:** Carlos Prieto

**Música:** Chico Buarque, Francis Hime

**Narração:** Paulo Cezar Pereiro

**Produção:** Ricardo Amaral

**Companhia produtora:** Rima Filmes do Brasil

**Elenco:** Tarcísio Meira, Sandra Bréa, Anselmo Vasconcelos, Sylvia Bandeira, José Lewgoy, Tônico Pereira, Ítalo Rossi, Flávio São Thiago, Paulo Villaça, Milton Moraes, Vinícius Salvatori, Ivan de Almeida, José Dumont, Lia Sol, Elba Ramalho, Luiz Carlos Lacerda, Wilson Grey.

**Sinopse:** No Rio de Janeiro, na década de 1970, um grupo de policiais atua como esquadrão da morte. Sua atuação acaba por levantar as suspeitas de um promotor público, que descobre o envolvimento do grupo com extorsão, narcotráfico, roubo e outros crimes. Baseado no romance homônimo de Aguinaldo Silva.

**Classificação indicativa:** 18 anos



## O gigante da América

**Ano de Produção:** 1980  
**País de Origem:** Brasil  
**Cromia:** Colorido  
**Duração:** 88'  
**Formato Original:** 35mm  
**Formato de Exibição:** Arquivo digital

**Direção:** Julio Bressane  
**Roteiro:** Julio Bressane  
**Direção de fotografia:** Renato Laclette  
**Montagem:** Radar, Rosa Dias  
**Produção:** Julio Bressane  
**Companhia produtora:** Julio Bressane  
Produções Cinematográficas

**Elenco:** Jeca Valadão, José Lewgoy, Rogério, Wilson Grey, Maria Gladys, Paulo Villaça, Marta Anderson, Helio Ari, Martim Francisco, Colé, Décio Pignatari, José Lino Grunewald, Fabíola Fracaroli, Sonia Dias, Sandro Solviati Siqueira, Helena Lustosa, Clóvis Bornay.

**Sinopse:** Narrativa irônica remonta a trajetória da alma de um caboclo pelo inferno, purgatório e paraíso. Nesse périplo ancestral pela América, cuja rota supõe ter sido indicada pelo poeta Dante, a alma encontra alguns fantasmas de figuras notáveis do Novo Continente, fazendo e ouvindo discursos memoráveis.

**Classificação indicativa:** 18 anos



## Tabu

**Ano de Produção:** 1982  
**País de Origem:** Brasil  
**Cromia:** Colorido  
**Duração:** 85'  
**Formato Original:** 35mm  
**Formato de Exibição:** Arquivo digital

**Direção:** Julio Bressane  
**Roteiro:** Julio Bressane  
**Direção de fotografia:** Renato Laclette  
**Montagem:** Radar, Rosa Dias  
**Produção:** Julio Bressane  
**Companhia produtora:** Julio Bressane  
Produções Cinematográficas

**Elenco:** Caetano Veloso, Colé Santana, José Lewgoy, Norma Bengell, Cláudia O'Reilly, Isadora Duncan, Dedé Veloso, Lygia Durand, Mário Gomes, Sandro Solviatti, Shirley Alves, Marlene, Sônia Dias, Georgina de Moraes, Suzana de Moraes, Mariana de Moraes, Antônio Cícero, Guilherme Araújo.

**Sinopse:** Um encontro poético e imaginário entre o escritor modernista Oswald de Andrade e o compositor Lamartine Babo. Poesias, músicas, carnaval e passeios pelo Rio de Janeiro, intercalados pelas cenas do filme Tabu (1930) e de antigos filmes pornográficos. Uma junção de três elementos: imagem, fala e música, que compõe a fictícia conversa entre os dois icônicos artistas.

**Classificação indicativa:** 18 anos



## Engraçadinha

**Ano de Produção:** 1981  
**País de Origem:** Brasil  
**Cromia:** Colorido  
**Duração:** 100'  
**Formato Original:** 35mm  
**Formato de Exibição:** Arquivo digital

**Direção:** Haroldo Marinho Barbosa  
**Argumento:** Nelson Rodrigues  
**Roteiro:** Haroldo Marinho Barbosa  
**Direção de fotografia:** Antonio Penido  
**Montagem:** Gilberto Santeiro  
**Direção de arte:** Carlos Prieto  
**Direção musical:** Sérgio Guilherme Saraceni  
**Produção:** Paulo Thiago  
**Companhia produtora:** Encontro Produções Cinematográficas

**Elenco:** Lucélia Santos, José Lewgoy, Luís Fernando Guimarães, Wilson Grey, Carlos Gregorio, Daniel Dantas, Cláudio Correa e Castro, Eva Carbon, Henriqueta Bertoleti, Sonia Figueiredo, Elizabeth Sousa, Florêncio Fenocho, Francisco Lima, Lourival Trindade, Leonides Barbosa.

**Sinopse:** Engraçadinha é uma adolescente atraente, com quem todo homem quer se envolver, exceto o seu primo Sílvio, o único homem que ela ama. No dia do noivado de Sílvio, ela o seduz e acaba ficando grávida. Entretanto, seu pai, Arnaldo, conta a ela um segredo terrível, capaz de impedir que a criança nasça.

**Classificação indicativa:** 18 anos



## Fitzcarraldo

**Ano de Produção:** 1982  
**País de Origem:** Peru / Alemanha  
**Cromia:** Colorido  
**Duração:** 158'  
**Formato Original:** 35mm  
**Formato de Exibição:** Blu-Ray

**Direção:** Werner Herzog  
**Roteiro:** Werner Herzog  
**Direção de fotografia:** Thomas Mauch  
**Montagem:** Beate Mainka-Jellinghaus  
**Direção de arte:** Ulrich Bergfelder, Henning von Gierke  
**Efeitos especiais:** Miguel Vázquez  
**Música:** Popol Vuh  
**Produção:** Werner Herzog, Lucki Stipetic  
**Companhia produtora:** Werner Herzog Film

**Elenco:** Klaus Kinski, Claudia Cardinale, José Lewgoy, Grande Otelo, Milton Nascimento, David Pérez Espinosa, Dieter Milz, Enrique Bohórquez, Leoncio Bueno, Miguel Ángel, Paul Hittscher, Peter Berling, Ruy Polanah, Salvador Godínez, William L. Rose Notary.

**Sinopse:** No início do século XX, Fitzcarraldo é um homem extremamente determinado, que possui a louca ideia de construir uma casa de ópera no meio da floresta amazônica. Para conseguir o dinheiro necessário, ele decide explorar borracha. O problema é que, para transportar o produto, ele terá que atravessar morros e matas com um barco.

**Classificação indicativa:** 14 anos



## Cobra Verde

**Ano de Produção:** 1987

**País de Origem:** Alemanha

**Cromia:** Colorido

**Duração:** 111'

**Formato Original:** 35mm

**Formato de Exibição:** BlueRay

**Direção:** Werner Herzog

**Roteiro:** Werner Herzog

**Direção de fotografia:** Viktor Ruzicka

**Montagem:** Maximiliane Mainka

**Direção de arte:** Ulrich Bergfelder

**Música:** Popol Vuh

**Produção:** Werner Herzog, Lucki Stipetic

**Companhia produtora:** Werner Herzog Film

**Elenco:** Klaus Kinski, Benito Stefanelli, Carlos Mayolo, Cego Oliveira, Guillermo Coronel, José Lewgoy, King Ampaw, Nana Agyefi Kwame II, Peter Berling, Salvatore Basile.

**Sinopse:** Francisco Manoel da Silva é um bandido brasileiro conhecido como Cobra Verde. Quando o proprietário de uma plantação de açúcar, sem saber de sua fama, contrata o insano e perigoso ladrão, recebe mais do que esperava, pois, em pouco tempo, Cobra Verde engravidou todas as suas filhas. Para se vingar, o fazendeiro o envia para a África com uma missão impossível e mortal: reabrir o comércio de escravos.

**Classificação indicativa:** 14 anos



## O Judeu

**Ano de Produção:** 1995

**País de Origem:** Brasil / Portugal

**Cromia:** Colorido

**Duração:** 85'

**Formato Original:** 35mm

**Formato de Exibição:** 35mm

**Direção:** Jom Tob Azulay

**Roteiro:** Millôr Fernandes, Geraldo Carneiro, Gilvan Pereira

**Direção de fotografia:** Eduardo Serra

**Montagem:** José Manoel Lopes, Pedro Ribeiro, Branco Neskow

**Direção de arte:** Adrian Cooper

**Música:** Rui Luis Pereira

**Produção:** Cláudio Kahns, Jom Tob Azulay, Antonio Vaz da Silva, Antonio da Cunha Telles

**Companhia produtora:** Tatu Filmes, AeB Produções; Animatógrafo e Metrofilme

**Elenco:** Felipe Pereira, Dina Sfat, José Neto, Fernanda Torres, José Lewgoy, Mário Viegas, Edwin Luisi, Cristina Aché, Ruth Escobar, Ruy de Carvalho, Rogério Paulo, Fábio Junqueira, Curado Ribeiro, Luiz Pinhão, Márcia Pitanga, Sinde Felipe, Carlos Cesar.

**Sinopse:** Torturado aos 21 anos pela Inquisição por crime de judaísmo, Antonio José da Silva (1704-1736), nascido no Brasil e chamado de "o judeu", redescobre o sentimento da vida através do teatro de marionetes. O espírito irreverente de suas comédias, entretanto, levam-no mais uma vez, aos cárceres do Santo Ofício.

**Classificação indicativa:** 14 anos



## A hora mágica

**Ano de Produção:** 1998

**País de Origem:** Brasil

**Cromia:** Colorido

**Duração:** 87'

**Formato Original:** 35mm

**Formato de Exibição:** Arquivo digital

**Direção:** Guilherme de Almeida Prado

**Roteiro:** Guilherme de Almeida Prado

**Direção de fotografia:** Jean-Benoît Crèpon

**Montagem:** Cristina Amaral

**Direção de arte:** Adrian Cooper

**Música:** Hermelino Neder

**Produção:** Guilherme de Almeida Prado, Sara Silveira

**Distribuição:** Raiz Distribuição

**Elenco:** Júlia Lemmertz, Raul Gazolla, Maitê Proença, José Lewgoy, Paulo Sousa, John Herbert, David Cardoso, Tânia Alves, Patrícia Travassos, Imara Reis, Walter Breda, Oscar Magrini, Adriana Lessa, Lia de Aguiar, Matilde Mastrangi, Lineu Dias.

**Sinopse:** Em 1950, a Rádio Brasil recebia artistas para interpretar a radionovela *Um assassino está entre nós*. Tito Balcárcel dá voz às peripécias do galã e interpreta o mordomo Matias. Um dia, ele se apaixona por Lúcia, uma jovem ambiciosa que o colocará no centro de uma teia rodeada de pequenos mistérios.

**Classificação indicativa:** 12 anos



## Eu, eu, eu José Lewgoy

**Ano de Produção:** 2009

**País de Origem:** Brasil

**Cromia:** Colorido

**Duração:** 96'

**Formato Original:** FullHD

**Formato de Exibição:** Arquivo digital

**Direção:** Cláudio Kahns

**Roteiro:** Cláudio Kahns, Marta Nehring

**Direção de fotografia:** Ricardo Stein

**Montagem:** Mirella Martinelli

**Direção de arte:** José Joaquim Salles

**Música:** Ilan Rechtman

**Produção:** Cláudio Kahns

**Companhia produtora:** Tatu Filmes, Brasil 1500

**Depoimentos:** Tônia Carrero, Werner Herzog, Millôr Fernandes, Chico Caruso, Gilberto Braga, Luis Fernando Veríssimo, Anselmo Duarte, Glória Pires, Walmor Chagas, Fabiano Canosa, Sérgio Pinheiro entre outros.

**Sinopse:** Através de depoimentos e imagens de arquivo, o documentário remonta a brilhante carreira do ator José Lewgoy. Tendo realizado mais de cem filme, o ator esteve presente em diversas fases da cinematografia brasileira: das chanchadas da Atlântida, passando pelo Cinema Novo e a Retomada dos anos 1990.

**Classificação indicativa:** 12 anos



SAFETY

21



SAFETY

FILM



EU 22



22A

Extras

# José Lewgoy: da Persona à Personalidade\*

Por Julio Bressane

Para José Lino Grunewald

“-Guará é uma mistura de Lewgoy com Azanavour. Mais Lewgoy.” Esta observação me foi feita pelo poeta Haroldo de Campos depois de uma sessão do *Memórias de um estrangulador de louras* no New York Theater numa tarde ensolarada e gostosa de 1971.

A chanchada que tinha artistas como Watson Macedo e Edgar Brasil (*Carnaval no fogo; Aviso aos navegantes*) a genial dupla brancopreto (metáfora ponto alto da nossa signagem cinematográfica) Oscarito e Grande Otelo e a *persona* de José Lewgoy, o vilão, o criminoso, o intelectual. O Máscara-Cérebro.

Este grande ator brasileiro é a via expressionista do nosso modernismo. Vida irônica: pertence a uma tradição quase extinta no nosso meio artístico: o artista culto, que educou-se na arte radical de “poder ser ninguém”.

Grafismo barroco, caminhar curvado, voz de uma emoção gongórico-radiofônica, dicção educada com suas pausas e pronúncias surdas de *r* e *s*, Lewgoy é um tesouro de achados valiosíssimos para qualquer um que quiser saber o que é a voz e a fala no cinema: voz arte, voz cor, voz luz, voz voz...

Lewgoy traça com o corpo um desenho de Beardsley (os aduncos vilões de pênis gigante) voz grave, sussurrada, inaugura no cinema nacional um *bem-dizer* refletido, irônico, prenhe de emoção, com uma constante hesitação antes de pronunciar as palavras (recomendação expressionista). É o ator e a voz para textos de Edgar Poe, Augusto dos Anjos, Ezra Pound (com quem tem semelhança no timbre de voz) seria um extraordinário

Conselheiro Aires, do memorial de Machado de Assis. Mestre da ironia e do humor e mestre de como transmiti-los consegue por outra via própria impressionante realismo de desespero e dor quando diz textos de Celine ou Camus. Representa como os primeiros e os últimos vilões do cinema misturando com raro talento inocência e perversão.

Lewgoy conhece literatura, é poliglota, creio que o único entre nossos atores!

Pensamento (máscara-cérebro, este o prazer ao vê-lo representar) e pensamento em estado extremo, seus personagens são degenerados: gente que pensa! Sempre o corpo idealizado de um determinada forma de espírito (o hipnotizador, o cientista louco, o político demagogo, o *flanêur*, o gênio do mal, o *escroc...*)

Lewgoy parece ter entre ele e a câmera uma superfície de vidro opalescente por onde se derramam reflexos, um claro-escuro que reina dentro do homem, de sua alma, vaivém eterno de sombra-luz que determina duas relações, suas emoções. É o mais artístico de nossos atores.

Representa vários tipos semelhantes-diferentes, fez muito, fez tanto, que passou depois de muito fazer outros, fazer a si. Do ator vário passou ao ator próprio! Mas esse próprio é mistura. É arte. Foi do ator ao não-ator. Seu talho modernista: o *Serafim Ponte-Grande* é um grande não-livro, Mário Reis (outra irradiação modernista) a não-voz, José Lewgoy é o nosso grande não-ator! Chegou a isso depois de ser tudo, percorrer e circunavegar a si, treinar, sofisticar-se e de ator-alguém



*Tabu* (Julio Bressane, 1982)

alcançou ator-ninguém. Nirvana. A arte é simples, mas exige o máximo de arte. Tremenda travessia! Fez de tudo até poder fazer ele, da *persona à personalidade*.

Quantos atores entre nós podem curtir isso?

Vem fazendo o jogo há meio século. Sabe o que faz. Ator, personagem, máscara de sombra e luz, grafismo de um universo de filmes diversos: *Falcão Maltês*, *Casablanca*, *Drácula*, *A vida criminosa de Arquibaldo de la Cruz*, *El Gran Calavera*, *El o Alucinado*, *Touch of Evil*, *Beat the Devil*, *Three Strangers*, *Sansão e Dalila*, quase todos os filmes expressionistas alemães, *Ivan o terrível* (sobretudo 2a parte) *Killer's Kiss* e muitos outros... no rastro de Welles, Greenstreet, Lorre, Misha Auer, Tamiroff, Vincet Price, Ray Collins (o Getty de *Cidadão Kane* e

o Adair, rei dos ratos de *Touch of Evil*) ator-mental para diretores tipo Welles e Huston mestres na escolha de rosto e humor inteligentes e mestres no inteligente humor dos rostos.

José Lewgoy é um signo. Como todos nós. Mas como poucos poderá dizer para o cinema brasileiro: passem muitos anos muito mais/ e eu não sei se há amor na eternidade/ porém lá tal como aqui em tua boca levarás/ sabor de mim.

\* Texto originalmente publicado em: BRESSANE, Julio. Alguns. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

## Depoimento de Werner Herzog\*

É muito emocionante para mim pensar em José Lewgoy. Eu sinto muita falta dele. Cresci aqui na região dos Alpes da Bavária e do outro lado do globo fui conhecer José Lewgoy, um ator genial. Eu procurava alguém para fazer um papel importante em *Fitzcarraldo*: um barão da borracha, um dos bilionários. Conhecia José Lewgoy pelas novelas brasileiras, em que sempre fazia tipos paternos: plácido, sábio, calado. Mas eu sabia que havia algo mais naquele homem, havia um vulcão ativo nele, algo que não vinha à tona, uma fera adormecida dentro de um homem. E eu pensei: “Isso tem que ser descoberto, ele se encaixa bem nesse filme selvagem, ele tem que estar no filme.”

Estávamos filmando no Peru, totalmente fora da civilização, o lugar mais perto para telefonar ficava a 1.400 km de distância. José Lewgoy chegou depois de vários atrasos nos vôos e tinha ficado retido em Pulcalpa. Ninguém sabia onde ele estava. Ele entendeu que aquele era um mundo totalmente diferente. Ele chegou no set e me disse: “Werner, eu me sinto renascido. Esta é minha nova vida, o que sempre sonhei. Vamos trabalhar!”

José Lewgoy tocou meu coração imediatamente. Desde o primeiro momento entramos em intensa sintonia. No set, um companheiro maravilhoso. Na frente da câmera, um grande personagem, com profundidade, grande intensidade, grande variedade de emoções.

Para mim não tem essa coisa de protagonistas e coadjuvantes. Para mim são todos atores. Há a trama, o contexto e a relação entre os personagens que têm que encaixar.

Kinski foi um problema nas filmagens de *Fitzcarraldo* e também em *Cobra Verde*. Os índios em *Fitzcarraldo* realmente queriam matar Kinski. Eles me perguntavam: “Devemos matá-lo para você?”. E eu dizia: “Pelo amor de Deus, senhores, agora não. Ainda estamos filmando, talvez

depois...” E José dizia: “Sim, depois.”

José Lewgoy reclamou. Ele disse: “Kinski não sabe trabalhar em equipe. Kinski não dá espaço para que os outros atuem bem.” Então eu sempre tinha que conter Kinski, a sua loucura e insanidade tinham que ser contidas para que os outros grandes personagens como o de José Lewgoy pudessem também ter vida. Algumas vezes eu dizia: “José, vou provocar o Kinski agora.”. Eu falava alguma coisa



ruim dele e Kinski gritava, ele espumava! E José ficava meio assustado, mas ele sabia que havia um sentido naquilo. Eu falava: “Vamos esperar, vamos ver.” E por duas horas o Kinski gritava e ficava exausto. Eu aí dizia: “Klaus e José, vamos fazer a cena agora.” Klaus estava manso e José Lewgoy estava preparado. De repente haviam dois animais juntos em cena.

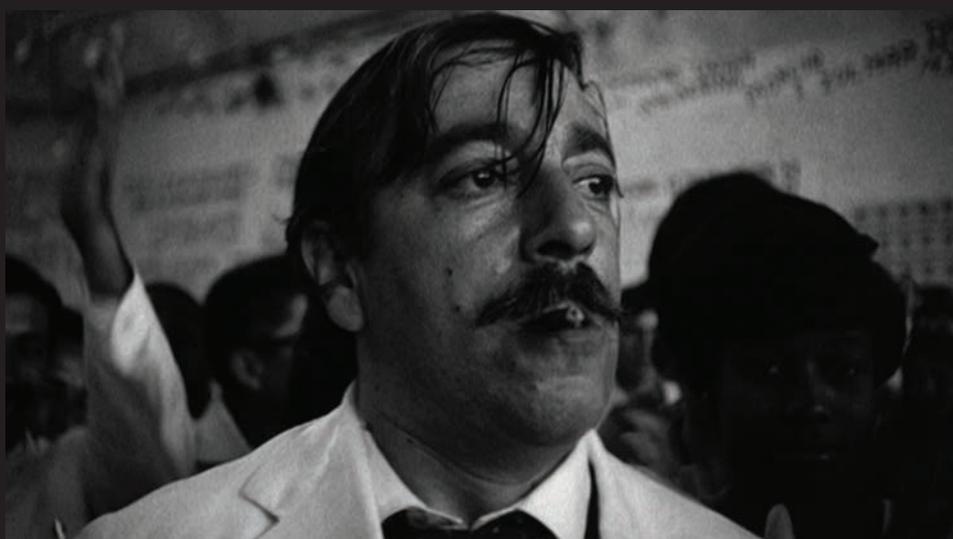
Os brasileiros gostam de contato físico. Eles te tocam quando conversam,

te abraçam. Esta qualidade da pele dos brasileiros, a essência do toque é algo que se traduz para a câmera. A câmera capta isso. José Lewgoy era uma pessoa que sabia que a câmera o amaria e o tocava e sentiria sua pele, sentiria seu suor e sua raiva. Foi um privilégio trabalhar com ele. Uma pessoa maravilhosa! Eu o saúdo!

\* Depoimento retirado do documentário *Eu, eu, eu José Lewgoy* (Cláudio Kahns, 2009)



O diretor Werner Herzog e o ator José Lewgoy durante as filmagens de *Fitzcarraldo*, (1982)



*Terra em transe*  
(Glauber Rocha, 1967)

## José Lewgoy comenta *Terra em transe*\*

O Glauber tinha uma maneira extraordinária de dirigir os atores. Os personagens, os personagens centrais, são personagens acima da realidade, são ícones. Vieira era um símbolo, era a essência do populismo. O Glauber, na sua maneira de dirigir, sábia aliás, criava um ambiente, colocava os atores dentro desse ambiente e ele ia exigindo dos atores, levando os atores até um clima exacerbado. Eu me lembro de um momento, por exemplo, de um extremo realismo, quando nós fomos à própria favela filmar. O povo não sabia que se tratava de um filme. Eu me lembro que houve algumas senhoras que vinham pedir a mim providências sobre problemas da comunidade delas, como se eu fosse um político de verdade. O mesmo aconteceu numa convenção de um partido político. O Glauber não avisou os políticos presentes de que ele estaria filmando, então quando eu entrei os políticos reconheciam a mim, José Lewgoy, e vinham me abraçar. Eles pensa-

vam que era uma câmara de jornalismo. Os políticos achavam que eu tava lá no comício para dar apoio a eles. O *Terra em transe* está cheio desses episódios bem humorados que dão uma verdade ao filme.

Me lembro que o Glauber estava na França para o Festival de Cannes. E eles queriam o filme de qualquer maneira, mas a ditadura brasileira havia proibido o filme de sair do Brasil e de participar do festival. Era preciso então que o filme chegasse lá! Foi decidido então que eu levasse o filme pra Cannes. Eu cheguei no aeroporto à noite, entreguei a minha mala e do meu lado estava o embaixador brasileiro na Suíça, que se virou pra mim e perguntou: “O que que se leva aí? A cópia de *Terra em transe*?”. Eu virei pra ele: “É sim senhor.”

\* Depoimento retirado do documentário *Eu, eu, eu José Lewgoy* (Cláudio Kahns, 2009)



No Festival de Cannes,  
com Danuza Leão e Zelito Viana, 1967



# Depoimento de Cláudio Kahns

O Zé Lewgoy, alguns anos antes de nos deixar, ligava-me praticamente todos os dias. E aí de mim se não o atendesse!

Algumas vezes, não podia atender, ele ficava bravo, mas o papo nunca era menor do que meia hora. Ele sempre reclamando de algo: da emissora, quando tinha que renovar o contrato, tinha medo de ser demitido ou de alguém, de um filme ou de uma peça que tinha visto. Mas tudo muito interessante e engraçado.

Quando o conheci, antes das filmagens de *O Judeu*, em Portugal em 1987, logo ficamos amigos. As pessoas da equipe falavam: “O Zé é muito chato”, ninguém queria ficar com ele na mesma van durante as filmagens. Mas, contrariamente ao que as pessoas achavam, logo simpatizei com seu jeito irônico, seu sarcasmo, suas tiradas e sua profunda inteligência e cultura. Não compreendia como seria possível as pessoas perderem a oportunidade de conviverem com alguém tão curioso.

Alguns anos depois, propus de fazermos um filme sobre ele e sua trajetória, achava imprescindível registrar a sua biografia. A primeira reação foi indignada: “Você quer que eu morra?”. Depois tentei voltar ao assunto mais algumas vezes, mas ele não aceitava. Acabei desistindo.

Passaram-se mais alguns anos, eu filmava no Maranhão um documentário, quando recebi um telefonema dele propondo o tal filme! Fiquei super contente, a ideia era fazermos uma co-direção. Tivemos alguns encontros frequentes, o Zé vinha de ponte aérea aos domingos almoçar comigo em São Paulo. Não gostava de ficar sozinho, muitos amigos já tinham-se ido e ele, um solitário inveterado, ficava melancólico. Então, vinha, ia pegá-lo no aeroporto, algumas vezes, íamos à feirinha do Masp, onde ele procurava arte japonesa, da qual não só era fã como profundo conhecedor, mas antes sempre almoçávamos num restaurante árabe que ele adorava, dava-me o prazer de sua companhia. Em seguida, deixava-o no aeroporto.

Nestas conversas, traçávamos ideias sobre o filme, quem entrevistar, onde filmar.

Por acaso, na mesma época, eu tinha recursos de um projeto, que acabou não sendo realizado, sobre o Descobrimento do Brasil, que seria dirigido por Michael Cimino, grande diretor americano.

Resolvi então redistribuir estes valores entre seis filmes, e um deles era o do Zé. Já tínhamos metade do orçamento, faltava a outra metade. Fomos a um dos patrocinadores, que topou na hora bancar a outra metade. Já estávamos em novembro de 2002. Pouco depois, houve a mudança de governo FHC para Lula e os critérios de patrocínio da empresa mudaram. Achei que não iríamos mais receber o que tinha sido acertado. Em paralelo, final do ano, fui viajar e ficamos de conversar em janeiro. Quando voltei, o único número que tinha, da sua casa, nunca atendia. Fiquei encafifado mas não conhecia mais ninguém que pudesse dar alguma informação. Dias depois, levei um susto quando vi uma notícia na internet: Zé Lewgoy tinha sido internado numa clínica! Consegui falar com ele, já em casa, mas depois de alguns dias retornou à mesma clínica e acabou falecendo em 10 de fevereiro de 2003. Foi tudo muito rápido e eu fiquei com a imensa incumbência de fazer o filme, sozinho, sem ele!

Meses depois, o tal patrocínio, entre idas e vindas, acabou saindo e me pus a trabalhar. Levei alguns anos, realizava este filme em paralelo a outros projetos, mas montei uma equipe bacana e competente que muito me ajudou, principalmente a Marta Nehring (roteirista), a Mirella Martinelli (editora) e o Ricardo Stein (fotógrafo), além de outras pessoas que não vou conseguir nomear, mas que foram fundamentais para que o filme tivesse a riqueza de materiais e de edição que acredito que tenha. Confirmam vocês mesmos! Minha sensação, ao final, era de que seria possível fazer mais alguns filmes, utilizando materiais que não tinha conseguido incluir na edição. Havia muitos Lewgoys! Contudo, minha preocupação maior era: será que o Zé vai gostar?

E escrevendo estas mal traçadas linhas, quinze anos depois, bateu uma profunda saudade de você, Zé!

# O Levigói

Por Luis Fernando Veríssimo

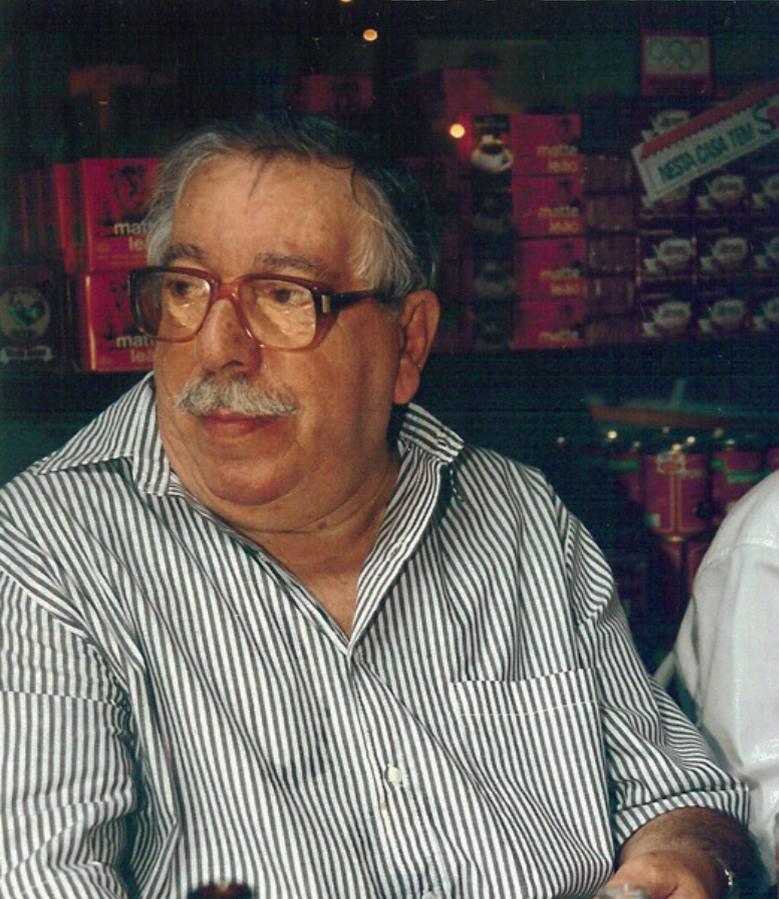
O assunto preferido do José Lewgoy era ele mesmo, e era um assunto fascinante. Ele se elogiava muito, com razão, e se queixava muito de desconsiderações, sem razão, pois era festejado por onde andava, embora nunca achasse que fosse o bastante. E era tão estimado, que nem seu famoso mau humor e impaciência afastavam as pessoas. Quem já o conhecia sabia que aquilo fazia parte do seu número e quem não conhecia o admirava tanto que perdoava tudo.

O Lewgoy (“liugóy” em brasileiro, “levigói” em gaúcho) trabalhou na velha Editora Globo de Porto Alegre com Mario Quintana e o meu pai, entre outros, e meu pai o ajudou a ganhar uma bolsa para estudar teatro na Universidade de Yale, nos Estados Unidos. Na volta ele ficou no Rio, começou a fazer cinema - e grande sensação em Porto Alegre! Com o seu sucesso nos filmes da Atlântida, podíamos dizer que tínhamos conhecido O Anjo quando ele ainda não era o bandido mais famoso do Brasil. Depois foi ser estrela internacional, voltou para fazer o *Terra em transe*, fez televisão (andar na tua com o Lewgoy em Portugal era andar com vários, pois cada um que o cumprimentava lembrava um personagem diferente dele

na TV) e durante anos foram raros os filmes europeus ou americanos feitos na América do Sul em que o Lewgoy não aparecia pelo menos como pai da moça.

Ele morava sozinho no Rio. Nos encontrávamos seguidamente junto com o Millôr, o Chico Caruso, o Jaguar, o Casé “a turma”, como ele dizia. A Eliana Caruso e o Gravatá, exemplares amigos dos seus amigos, cuidaram dele na doença até chegarem os parentes do Sul. Ele viajava muito a Porto Alegre, para estar com a família, e nos visitava. Reunia-se com amigas antigas que chamava de “as minhas velhinhas”, entre as quais minha mãe, para almoços. Uma vez, compartilhando um pato assado e um tinto razoável em Gramado, concordamos que certo mesmo estava aquele defunto que salta do caixão no musical do Woody Allen e começa a dançar e a cantar “Enjoy yourself, it’s later than you think”. Já era mais tarde do que o Lewgoy pensava, mas ele aproveitou o que deu, reclamando sempre. Pena que não tenha escrito mais sobre o que viveu. Lia muito, escrevia bem e com graça. E poucos brasileiros teriam tanta coisa para contar quanto o nosso Levigói.

(17/02/2003)



# Filmografia



- CARNAVAL NO FOGO (1950), Atlântida Cinematográfica, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Watson Macedo.
- QUANDO A NOITE ACABA ou PERDIDA PELA PAIXÃO (1950), Artistas Associados, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Fernando de Barros.
- KATUCHA (1950), George (Jiri) Dusek Produções Cinematográficas, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Paulo Machado.
- CASCALHO (1950), Sul Filmes, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Léo Marten.
- AVISO AOS NAVEGANTES (1951), Atlântida Cinematográfica, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Watson Macedo.
- MAIOR QUE O ÓDIO (1951), Atlântida Cinematográfica, Brasil / Rio de Janeiro, direção de José Carlos Burle.
- AÍ VEM O BARÃO (1951), Atlântida Cinematográfica, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Watson Macedo
- AREIAS ARDENTES (1951), Atlântida Cinematográfica, Brasil / Rio de Janeiro, direção de J.B:Tanko.
- BARNABÉ TU ES MEU (1952), Atlântida Cinematográfica, Brasil / Rio de Janeiro, direção de José Carlos Burle.
- OS TRÊS VAGABUNDOS (1952), Atlântida Cinematográfica, Brasil / Rio de Janeiro, direção de José Carlos Burle.
- AMEI UM BICHEIRO (1953), Atlântida Cinematográfica, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Jorge Ileri e Paulo Wanderley.
- CARNAVAL ATLÂNTIDA (1953), Atlântida Cinematográfica, Brasil / Rio de Janeiro, direção de José Carlos Burle.
- OS TRÊS RECRUTAS (1953), Atlântida Cinematográfica e Cinelândia Filmes, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Eurides Ramos.
- CARNAVAL EM CAXIAS (1954), Atlântida Cinematográfica, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Paulo Wanderley.
- MATAR OU CORRER (1954), Atlântida Cinematográfica, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Carlos Manga.
- S.O.S. NORONHA (1957), Co-produção Brasil-Rio de Janeiro / França-Paris / Itália-Roma e Alemanha-Berlim, direção de Georges Rouquier.
- ESCAPADA (1957), Produção francesa, Pathé Conéma, França / Paris, direção de Ralph Habib.
- LES FANATIQUES (1957), Produção estrangeira, Co-produção C.G.C / Cinégraph, França-Paris e Regent, Itália-Roma, direção de Alex Joffé.
- QUAND SONNERA MIDI (1958), Produção estrangeira, Co-produção Cinédis, França-Paris / Itália-Roma, direção de Edmond T.Gréville.
- QUATRO MULHERES PARA UM HERÓI (1962), Co-produção: Imperial Filmes (Rio de Janeiro), Procidis Films (Paris-França) e Nestor F.Gafet (Buenos Aires-Argentina), direção de Leopoldo T.Nilson.
- HISTÓRIA DE UM CRÁPULA (1965), Magnus Filmes e Produções Cinematográficas Herbert Richers, Rio de Janeiro, direção de Jece Valadão.
- ARRASTÃO (*Les amants de la mer*) - (1966), Produção francesa, Sumer Films (Paris, França), direção de Antoine D'Ormeson.
- DUELLO NEL MONDO (*Duel dans de monde*) - (1966), Co-produção Roma / Itália e Paris / França, direção de Edmond T.Gréville.
- AS CARIOCAS (3 episódios) - (1966), Wallfilmes (Rio de Janeiro) e A.A.S.Filmes (São Paulo), direção de diversos diretores: Fernando de Barros, Walter Hugo Khouri e Roberto Santos.

- MERCENÁRIOS DO CRIME - 3º episódio: “Carnaval de assassinos” - (1966), Produção estrangeira?
- UMA ROSA PARA TODOS (*Una rosa per tutti*) - (1967), Produção italiana, Vides Cinematográfica (Roma, Itália), direção de Franco Rossi.
- TERRA EM TRANSE (1967), Mapa Filmes e Difilm, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Glauber Rocha.
- JERRY, A GRANDE PARADA (1967), Produções Cinematográficas Herbert Richers e Magnus Filmes, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Carlos Alberto de Souza Barros.
- ROBERTO CARLOS EM RITMO DE AVENTURAS (1968), Produções Cinematográficas R.F.Farias, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Roberto Farias.
- OS VICIADOS - 1º episódio: “A trajetória” - (1968), Magnus Filmes, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Braz Chediak.
- PALMEIRAS NEGRAS (*Svarta palmkronor*) - (1968), Produção suéca, Sandrews, Estocolmo / Suécia, direção de Lars Magnus Lindgren.
- TARZAN E O MENINO DA SELVA (*Tarzan and the jungle boy*) - (1968), Co-produção Hollywood / USA e Berna / Suíça, direção de Robert Gordon.
- A VIDA PROVISÓRIA (1968), Saga Filmes, Produções Cinematográficas L.C.Barreto e Tecla Filmes, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Maurício Gomes Leite
- OS PAQUERAS (1968), Produções Cinematográficas R.F.Farias, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Reginaldo Faria.
- OLHO POR OLHO (*An Eye for an eye*) (1968), TV Films e NBC, direção de Robert Gordon.
- OS OLHOS DO LEÃO (*Eyes of the lion*) (1968), TV Films e NBC, direção de Robert Gordon.
- A UM PULO DA MORTE - episódio: “A madona de ouro ou cedro” - (1969), Produções Cinematográficas Herbert Richers, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Victor Lima.
- A CAMA AO ALCANCE DE TODOS - 2º episódio: “A segunda cama” - (1969), J.B.Produções Cinematográficas, Grupo Câmara Produções Cinematográficas e D.F.Produções Cinematográficas, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Daniel Filho.
- ROBERTO CARLOS E O DIAMANTE COR DE ROSA (1970), Produções Cinematográficas R.F.Farias, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Roberto Farias.
- NÃO APERTA, APARICIO (1970), Cinematográfica Leopoldis Som, Brasil / Porto Alegre, Rio Grande do Sul, direção de Pereira Dias.
- PECADO MORTAL (1970), M.F.Produções Cinematográficas / C.N.Promoções e Publicidade / Gustavo Dahl Produções Cinematográficas, Brasil / Rio de Janeiro, Direção de Miguel Faria Júnior.
- O BOLÃO (1970), Wilson Silva Produções Cinematográficas e Profilmias, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Wilson Silva.
- OS AMORES DE UM CAFONA (1970), Horus Filmes e P.N.F., Brasil / Rio de Janeiro e São Paulo, direção de Osiris Parcifal de Figueiroa e Penna Filho.
- PRA QUEM FICA... TCHAU! (1970), Produções Cinematográficas R.F.Farias, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Reginaldo Faria.
- O DONZELO (1971), Allegro Filmes e Roberto Baker Produções Cinematográficas, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Stefan Wohl.

- LUA DE MEL & AMENDOIM - 2º episódio: “Berenice” - (1971), Cinedistri (São Paulo) e Sincro Filmes (Rio de Janeiro), Brasil /São Paulo e Rio de Janeiro, direção de Fernando de Barros.
- GAUDÊNCIO, O CENTAURO DOS PAMPAS - (1971), Gemini Produções Cinematográficas, Brasil / Porto Alegre (Rio Grande do Sul), direção de Fernando Amaral.
- A VIÚVA VIRGEM (1972), Sincro Filmes, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Pedro Carlos Rovai.
- QUANDO O CARNAVAL CHEGAR (1972), Mapa Filmes, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Carlos Diegues.
- O GRANDE GOZADOR (1972), Bennio Produções Cinematográficas, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Victor di Mello.
- INDEPENDÊNCIA OU MORTE (1972), Cinedistri, Brasil / São Paulo, direção de Carlos Coimbra.
- COMO ERA BOA A NOSSA EMPREGADA - 2º episódio: “O terror das empregadas” - (1973), Atlântida Cinematográfica, Kiko Filmes e Vidya Filmes, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Victor di Mello.
- OS MANSOS - 1º episódio: “A b... de ouro” (1973), Sincro Filmes, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Pedro Carlos Rovai.
- GENTE QUE TRANSA (1974), Phoenix Filmes do Brasil, Brasil /São Paulo, direção de Silvio de Abreu.
- RELATÓRIO DE UM HOMEM CASADO (1974), Flávio Tambellini Produções Cinematográficas, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Flávio Tambellini.
- AS SECRETÁRIAS QUE FAZEM DE TUDO (1974), Atlântida Cinematográfica (Rio de Janeiro) e Phoenix Filmes do Brasil (São Paulo), Brasil / Rio de Janeiro e São Paulo, direção de Alberto Pieralisi.
- AS ALEGRES VIGARISTAS - 2º episódio: “O padre e a modelo” - (1974), CASB Produções Cinematográficas, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Carlos Alberto de Souza Barros.
- ASSIM ERA A ATLÂNTIDA (1975), documentário, Atlântida Cinematográfica e Carlos Manga Produções Cinematográfica, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Carlos Manga.
- EU DOU O QUE ELA GOSTA (1975), Sincro Filmes e Plano Cinematográfica, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Braz Chediak, Cecil Thiré e Sindoval Aguiar.
- INTIMIDADE (1975), Relevo Produções Cinematográficas e Embrafilme, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Perry Salles e Michael Sarne.
- UM SOUTIEN PARA PAPAI (1975), CASB Produções Cinematográficas, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Carlos Alberto de Souza Barros.
- PADRE CÍCERO (1975), Moraes Produções Cinematográficas, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Helder Martins de Moraes.
- O QUARTO DA VIÚVA (1975), Misfilmes, Brasil / São Paulo, direção de Sebastião de Souza.
- O HOMEM DE PAPEL (VOLÚPIA DO PRAZER ou VOLÚLIA DE UM DESEJO) - (1976), Nortefilmes do Brasil, Brasil / Fortaleza (Ceará), direção de Carlos Coimbra.
- OURO SANGRENTO (TENDA DOS PRAZERES) - (1976), Zodíaco Filmes, Brasil / Rio de Janeiro, direção de César Ladeira Filho.
- O IBRAIM DO SUBÚRBIO - 2º episódio: “O libraim do subúrbio” - (1977), Sincro Filmes, Lynx Filmes e Arte Nova Filmes, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Cecil Thiré.

- AS AVENTURAS DE MOMO MONTANHA (*Jorden er flad*) - (1977), Co-produção Alter Filmes (Rio de Janeiro) e Det Danske Filminstitut (Copenhague), Brasil / Rio de Janeiro e Dinamarca / Copenhague, direção de Henrik Stangerup.
- DIÁRIO DA PROVÍNCIA (1979), Roberto Palmari Produções Cinematográficas, Topázio Filmes e Lynx Filmes, Brasil / São Paulo, direção de Roberto Palmari.
- O OUTRO LADO DO CRIME (1979), Topázio Filmes, Brasil / São Paulo, direção de Clery Cunha.
- CURUMIM (1979), Nau Filmes e Embrafilme, Brasil / São Paulo, direção de Plácido Campos Júnior.
- REPÚBLICA DOS ASSASSINOS (1979), Roma Filmes, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Miguel Faria Júnior.
- TERROR E ÊXTASE (1979), Artenova Filmes, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Antônio Calmon.
- O GIGANTE DA AMÉRICA (1980), Magnus Filmes e Embrafilme, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Julio Bressane.
- OS MUCKER (JACOBINE) - (1980), ficção-documentário, Co-produção, ..... (São Paulo) e Stopfilm (Munique), Brasil / São Paulo e Alemanha / Munique, direção de Jorge Bodansky e Wolf Gauer.
- ENGRAÇADINHA (1981), Encontro Produções Cinematográficas e Embrafilme, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Haroldo Marinho Barbosa.
- FITZCARRALDO (1982), produção estrangeira, Co-produção Filmverlag der Autoren, Pro-ject Filmproduktion, Werner Herzog Filmproduktion e Zweites Deutsches Fernsehen (ZDF) (Alemanha) e Wildlife Films (Peru), direção de Werner Herzog.
- TABU (1982), Julio Bressane Produções Cinematográficas, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Júlio Bressane.
- PERDIDA EM SODOMA (1983), Empresa Cinematográfica Haway e Alfa Filmes, Brasil / São Paulo, direção de Nilton Nascimento.
- TENSÃO NO RIO (1984), Sombra Cinema e Comunicações, Produtores Associados, Produções Cinematográficas L.C.Barreto e Embrafilme, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Gustavo Dahl.
- FEITIÇO DO RIO (*Blame it on Rio*) - (1984), Produção estrangeira, Sherwood (USA), direção de Stanley Donen.
- O BEIJO DA MULHER ARANHA (*Kiss of the spider woman*) - (1984), Co-produção H.B.Filmes (São Paulo) e Island Alive Film e Superloaf Films Inc (Hollywood), direção de Hector Babenco.
- OS BONS TEM POS VOLTARAM - VAMOS GOZAR OUTRA VEZ - 1º episódio: "Sábado quente" - (1985), Cinearte Filmes, Brasil / São Paulo, direção de Ivan Cardoso.
- OS TRAPALHÕES E O REI DO FUTEBOL (1986), Renato Aragão Produções Artísticas, Pelé-Saad Comunicações & Empreendimentos e Embrafilme, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Carlos Manga.
- COBRA VERDE (1987), Produção estrangeira, Werner Herzog Filmproduktion e Zweites Deutsches Fernsehen (ZDF) (Alemanha), direção de Werner Herzog.
- A DAMA DO CINE Shanghai (1988), Star Filmes e Raiz Produções Cinematográficas, Brasil / São Paulo, direção de Guilherme de Almeida Prado.
- LUAR SOBRE PARADOR (*Moon over parador*) - (1988), Produção estrangeira, Universal Pictures (USA), direção de Paul Mazursky.
- FESTA (1989), NDR Filmes, La Luna Filmes, Quanta Filmes e Embrafilme, Brasil / São Paulo, direção de Ugo Giorgetti.

- FACA DE DOIS GUMES (*Two edged knife*) - (1989), Co-produção DWD Cinema, Videofilmes e Embrafilme (Rio de Janeiro) e Cinequanon, Hamster Productions, Storm Entertainment (Paris), Brasil / Rio de Janeiro e França / Paris, direção de Murilo Salles.
- OS SERMÕES (1989), Júlio Bressane Produções Cinematográficas e Embrafilme, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Júlio Bressane.
- O ESCORPIÃO ESCARLATE (1990), Topázio Filmes, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Ivan Cardoso.
- STELINHA (1990), Filmes do Sol, Skylight Cinema, Palatinato Participações, Ensaio Geral Produções Artísticas e Embrafilme, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Miguel Faria Júnior.
- PERFUME DE GARDÊNIA (1992), Star Filmes e Raiz Cinematográfica, Brasil / São Paulo, direção de Guilherme de Almeida Prado.
- MIL E UMA (1994), Co-produção 1001 Filmes (Rio de Janeiro), TVE -Televisión Española (Madrid), Gemini Films (Paris) e Madragoa Filmes (Lisboa), Brasil / Rio de Janeiro, Espanha /Madrid, França / Paris e Portugal / Lisboa, direção de Suzana Moraes.
- O JUDEU (1995), Co-produção Tatu Filmes, A&B Produções, Animatógrafo Produção de Filmes, Metrofilme Actividade Cinematográficas, Brasil / São Paulo e Portugal / Lisboa, direção de Jom Tob Azulay.
- O QUATRILO (1995), Produções Cinematográficas L.C.Barreto e Filmes do Equador, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Fábio Barreto.
- O MONGE E A FILHA DO CARRASCO (*The monk and the hangman's daughter*) - (1996), Co-produção JBR Filmes (Rio de Janeiro) e KCK Productions (Hollywood), Brasil / Rio de Janeiro e USA / Hollywood, direção de Walter Lima Júnior.
- A HORA MÁGICA (1998), Starfilmes e Raiz Cinematográfica, Brasil / São Paulo, direção de Guilherme de Almeida Prado.
- POLICARPO QUARESMA (1998), Vitória Produções Cinematográficas, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Paulo Thiago.
- SONHOS TROPICAIS (2002), Centro de Cultura Cinematográfica Providence, Brasil / São Paulo, direção de André Sturm.
- APOLÔNIO BRASIL, CAMPEÃO DA ALEGRIA (2003), Mac Comunicação e Produção, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Hugo Carvana.
- EU, EU, EU JOSÉ LEWGOY (2009), Tatu Filmes & Brasil 1500, Brasil / São Paulo, direção de Cláudio Kahns.
- CHATÔ: REI DO BRASIL (2015), Zoebra Filmes, Brasil / Rio de Janeiro, direção de Guilherme Fontes.



José Lewgoy com admiradores, década de 1950

**Patrocínio**

Banco do Brasil

**Realização**

Ministério da Cultura  
Centro Cultural Banco do Brasil

**Coordenação geral**

Bruna Callegari

**Produção executiva**

Rafael Buosi

**Programação**

Cláudio Kahns  
Bruna Callegari  
Rafael Buosi

**Coordenação editorial**

Bruna Callegari

**Programação visual**

Fábio Manzano

**Textos**

Cláudio Kahns  
Eduardo Giffoni Flório  
Gabriel Carneiro  
Julio Bressane  
Luis Fernando Veríssimo

**Depoimentos**

José Lewgoy  
Werner Herzog

**Assistente de produção**

Karen Keppe

**Tradução e legendagem**

Juliana Ribeiro de Melo (Convey)  
4 Estações

**Audiodescrição**

Ver com Palavras

**Assessoria de imprensa**

Décio Hernandez Di Giorgi

**Imagens cedidas**

Acervo Cinemateca Brasileira / SAV / Minc  
Família de José Lewgoy  
Tatu Filmes  
Mike Henry Collection

**Colaboração**

BLG Entretenimento  
Cinemateca Brasileira  
Sigularte Produções  
Villa-Lobos Produções  
Tatu Filmes  
TV Cultura (Fundação Padre Anchieta)

**Apoio**

Canal Brasil

**Concepção e produção**

Espaço Líquido  
www.espacoliquido.com.br

**Agradecimentos**

Família de José Lewgoy  
Cláudio Kahns (Tatu Filmes)

Aline Junqueira  
Aníbal Massaini  
Arthur Joffé  
Assunção Hernandes  
Breno Lira Gomes  
Brigitte Berg  
Bruno Safadi  
Caio Brito  
Camila Roque  
Carol Villalobos  
Cristina Martin  
Deise Faria  
Eduardo Giffoni Flório  
Ernani Silva  
Eugenio Puppo  
Fernado Valeika de Barros  
Guilherme Tostes  
Helena Peregrino  
Hernani Heffner  
Julio Brandão  
Julio Bressane  
Kiê Hoang  
Lorena Pazzanese  
Luciana Araújo  
Lucki Stipetic  
Luis Fernando Veríssimo  
Marcela Baptista  
Marcelo Bueno  
Matheus Sundfeld  
Mechel Lenz  
Miguel Farias Jr.  
Monique Pradel  
Paloma Rocha  
Pedro Rovai  
Rodrigo Lara  
Rosângela Freitas  
Silvia Gandelman  
Tuka Villalobos  
Werner Herzog

CCBB São Paulo  
8 de abril a 7 de maio de 2018



*Aviso aos navegantes*  
(Watson Macedo, 1951)



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-67718-07-1



9 788567 718071

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA - VENDA PROIBIDA  
RECICLE. A NATUREZA AGRADECE.

Produção

Apoio

Realização



ESPAÇO LÍQUIDO  
audiovisual e editora



MINISTÉRIO DA  
CULTURA

